

NIETZSCHE

O ANTICRISTO



COLEÇÃO CLÁSSICOS

O ANTI-CRISTO

Tradução de
CARLOS GRIFO

1973

EDITORIAL PRESENÇA

Capa de
F. C.

Reservados todos os direitos desta edição à
Editorial Presença, Lda. — Av. João XXI, 56, 1.º
LISBOA

ÍNDICE

	Pág.
PRÓLOGO	7
ANTI-CRISTO	9
LEI CONTRA O CRISTIANISMO	133
O MARTELO FALA — ZARATUSTRA 3,90	135

COLEÇÃO CLÁSSICOS

1. OS AMORES DE LUCIANO LEUWEN, de *Stendhal*
2. OS DOZE CÉSARES, de *Suetónio*
3. O INSPECTOR, de *Gogol*
4. PAIS E FILHOS, de *Turgueniev*
5. HAMLET, de *Shakespeare*
6. AS VIAGENS DE GULLIVER, de *Jonathan Swift*
7. DIÁRIO DA PESTE DE LONDRES, de *Daniel Defoe*
8. MACBETH, de *Shakespeare*
9. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CAUSAS DA GRANDEZA E DECADÊNCIA DOS ROMANOS, de *Montesquieu*
10. SONHO DE UMA NOITE DE VERAO, de *Shakespeare*
11. A POLÍTICA, de *Aristóteles*
12. A ARTE DE AMAR, de *Ovídio*
13. PRIMEIRO AMOR, de *Turgueniev*
14. ROMEU E JULIETA, de *Shakespeare*
15. JÚLIO CÉSAR, de *Shakespeare*
16. CONTRATO SOCIAL, de *Jean-Jacques Rousseau*
17. DICIONÁRIO FILOSÓFICO, de *Voltaire* (1.º vol.)
18. DICIONÁRIO FILOSÓFICO, de *Voltaire* (2.º vol.)
19. CYRANO DE BERGERAC, de *Edmond Rostand*
20. OTELO, de *Shakespeare*
21. A PERSPECTIVA NEVSKI, de *Gogol*
22. O REI LEAR, de *Shakespeare*
23. RICARDO III, de *Shakespeare*
24. SATIRICON, de *Petrónio*
25. ANTÓNIO E CLEÓPATRA, de *Shakespeare*
26. O ANTI-CRISTO, de *Frederico Nietzsche*
27. REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA, de *Plekhanov*
28. O MERCADOR DE VENEZA, de *Shakespeare*
29. DISCURSO SOBRE A DESIGUALDADE DOS HOMENS, de *Jean-Jacques Rousseau*
30. DIÁRIO DE UM SEDUTOR, de *Sören Kierkegaard*
31. O POLÍTICO, de *Platão*
32. A COMUNA I, de *Louise Michel*
33. A COMUNA II, de *Louise Michel*
34. O CREPÚSCULO DOS DEUSES, de *F. Nietzsche*

PRÓLOGO

Este livro destina-se aos entes mais raros. E talvez nem sequer encontre um único. Esses seriam os que entendem o meu Zaratustra: como poderia eu misturar-me sequer com aqueles a quem, a partir de hoje, vão nascer ouvidos? — só o depois de amanhã me pertence. Há homens que nascem póstumos.

As condições que é preciso ter para me compreender, e para me compreender com necessidade — com demasiada precisão as conheço. É preciso ter uma rectidão nas coisas do espírito vizinha da dureza, e isso apenas para suportar a minha gravidade, a minha paixão. É preciso ter a prática de viver sobre montanhas — de ver abaixo de si a actualidade, lamentável e tagarelante, da política e da raiva egocêntrica dos povos. É preciso ter-se tornado indiferente, é preciso nunca perguntar se a verdade serve, se pode tornar-se fatal... Uma predilecção da força pelas

questões que hoje ninguém tem a coragem de encarar; a coragem do que é proibido; a predestinação do labirinto. A experiência das sete solidões. Ouvidos novos para uma nova música. Olhos para o mais longínquo. Uma consciência nova para verdades mudas até ao dia de hoje. E uma vontade de economia de grande estilo: o entesourar da força, do entusiasmo... O respeito para consigo, o amor por si; a liberdade absoluta consigo próprio...

Pois bem, esses são os meus únicos leitores, os meus verdadeiros leitores, os meus leitores predestinados: que importa o resto? — O resto é apenas a humanidade. — É preciso ser superior à humanidade pela força, pela altitude da alma — pelo desprezo...

Frederico Nietzsche

— Olhemo-nos de frente, somos Hiperbóreos — sabemos à saciedade quão distanciados vivemos. «Nem sobre a terra, nem sobre a água, conseguirás encontrar a estrada que conduz aos Hiperbóreos»: já a nosso respeito o sabia Píndaro. Para além do norte, do gelo, da morte — a *nossa* vida, a *nossa* felicidade... Nós descobrimos a felicidade, nós conhecemos o caminho, nós encontramos a saída através de milénios inteiros de labirinto. E quem, *além de nós*, a encontrou? — Seria acaso o homem moderno? — «Não sei onde ir, onde chegar; sou tudo aquilo que não sabe onde ir, onde chegar» — geme esse homem moderno... E é dessa modernidade que estamos doentes — da paz apodrecida, do compromisso cobarde, de toda a equívoca virtude moderna do sim e do não. Essa tolerância, essa *largeur* * do coração, que «perdoa» tudo porque tudo «com-

* Esta e todas as palavras seguidas de asterisco estão em francês no original.

preende», é para nós como o siroco¹. Antes viver nos gelos que entre modernas virtudes e outros ventos do sul!... Éramos pois bastante valorosos, éramos de nossa natureza menos domésticos que qualquer outro: mas por longo tempo desconhecemos *onde ir* com o nosso valor. Tornámo-nos sombrios, chamavam-nos fatalistas. O *nosso* fado — era a abundância, a contensão, o crescer das forças. Tínhamos uma sede de raio e de acções, estávamos nos antípodas da felicidade dos débeis, da «resignação»... Pelo nosso ar ia uma tempestade, a natureza que somos ensombrava-se — *pois não tínhamos rota alguma*. Fórmula da nossa felicidade: um sim, um não, uma linha direita, um *fim*...

2

O que é o bom? — Tudo o que eleva o homem no sentimento do poder, na vontade do poder, no próprio poder.

O que é o mau? — Tudo o que nasce da fraqueza.

O que é a felicidade? — O sentimento de que o poder *cresce* — de que uma resistência foi vencida.

¹ Vento seco e ardente que vem do deserto.

Nenhuma satisfação, mas mais poder; acima de tudo *nenhuma* paz, mas a guerra; *nenhuma* virtude, mas a aptidão (virtude ao estilo Renascença, *virtù*, virtude sem moralismos).

Quanto aos débeis, aos incapazes, esses que pereçam: primeiro princípio da *nossa* caridade. E que os ajudem enfim a perecer.

O que é mais pernicioso que não importa qual vício? — A compaixão activa por todos os débeis, por todos os incapazes — o cristianismo...

3

Não é o problema daquilo que virá a seguir à humanidade na sucessão dos seres, que aqui apresento (— o homem é um *fim* —): mas qual o tipo de homem que devemos *produzir*, que devemos *querer*, como sendo de uma qualidade superior, mais digno da vida, mais certo do futuro.

Esse tipo de qualidade superior, já por mais de uma vez existiu: mas como um feliz acaso, como uma excepção, nunca como algo *pretendido*. Mais ainda, foi precisamente *ele* que inspirou o maior pavor, ele foi, por assim dizer, o apavorante — e do fundo do pavor, foi o tipo inverso a ser pretendido, produzido, *obtido*: o animal doméstico, a besta gregária, a besta doente homem — o cristão...

A evolução que a humanidade representa *não* é um progresso para algo melhor ou mais forte ou mais elevado como todos hoje em dia acreditam. O «progresso» não passa de uma ideia moderna, ou seja, uma ideia falsa. O Europeu de hoje, no que se refere ao seu valor, fica muito aquém do Europeu da Renascença; *não* há qualquer lei segundo a qual desenvolver-se seja forçosamente elevar-se, aumentar, fortificar-se.

Sob um outro aspecto, existe uma constante frutificação de casos isolados, nos mais diversos locais e provindo das mais diversas culturas, nos quais se manifesta efectivamente um *tipo superior*: algo que, em relação ao conjunto da humanidade, é uma espécie de super-homem. Esses felizes casos de grande êxito foram sempre possíveis. E há mesmo linhagens, raças inteiras, povos que podem, em certos casos, representar um semelhante *acertar no alvo*.

É proibido embelezar, suavizar o cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra este tipo de homem *superior*, baniu todos os instintos inatos deste tipo, destilou esses ins-

tintos para deles extrair o mal, o *malévolo* — o homem forte como tipo do reprovável, o «*réprobo*». O cristianismo tomou o partido de tudo o que é débil, baixo, incapaz. Extraiu um ideal da *contradição* frente aos instintos conservadores da vida forte; corrompeu a razão das naturezas, mesmo das mais fortes no que se refere ao espírito, levando-as a sentir como culpadas, como enganosas, como *seduções*, os valores supremos do espírito. O mais lamentável exemplo: a corrupção de Pascal que acreditou estar a sua razão corrompida pelo pecado original; estava corrompida, mas apenas pelo seu cristianismo!

6

É um espectáculo doloroso, horrível, o que acaba de se me deparar: levantei o pano sobre a *corrupção* do homem. Pelo menos na minha boca, a palavra escapa à suspeita de conter qualquer acusação moral contra o homem. Esta palavra — quisera sublinhá-lo de novo — é preciso entendê-la *pura de moralismos*: entendê-la no sentido em que essa corrupção a sinto eu mais viva exactamente onde sempre se aspirou, e com maior consciência, à «virtude», à «divindade». Entendo corrupção, tê-lo-ão adivinhado, no sentido de *décadence* *: afirmo que todos os valores nos quais se resume para a humanidade

actual o extremo ponto do desejável, são *valeurs de décadence* *.

Digo corrompido um animal, uma espécie ou um indivíduo que perdeu os seus instintos, que escolheu, que *preferiu* o que lhe é desfavorável. Uma história dos «sentimentos sublimes», dos «ideais da humanidade» — e é possível que me veja obrigado a contá-la — equivaleria quase a explicar *porque* está o homem tão corrompido. Quanto à vida, ela é para mim instinto de crescimento, de duração, de acumulação das forças de *poder*: onde quer que falte a vontade do poder, há declínio. Afirmando que essa vontade *falta* a todos os valores supremos da humanidade — que, sob os mais sagrados nomes, o poder está nas mãos dos valores do declínio, dos valores *nilistas*.

7

Chamam ao cristianismo religião da *piiedade*. — A piedade está em contradição com as emoções tónicas, as que elevam a energia do sentimento vital: a acção que ela exerce é depressiva. Quando alguém se compadece perde força. É ainda pela piedade que cresce e se multiplica o desperdício de força que o sofrimento, por si próprio, implica já para a vida. O próprio sofrimento torna-se, pela compaixão, contagioso; em certos casos, pode-se chegar por

esse facto a um desperdício de vida e de energia vital cuja soma se encontra numa relação absurda perante o *quantum*² da causa (— como o caso da morte do Nazareno —). Eis o primeiro ponto de vista; mas existe um outro, ainda mais importante. Se medirmos a piedade pelo valor das reacções que geralmente suscita, caracteriza-se ela então, ainda mais claramente, como uma ameaça contra a vida. A traços largos, a piedade contradiz a lei da evolução, que é a da *selecção*. Conserva o que está pronto para o declínio, defende-se a favor dos deserdados e condenados da vida; e, pela abundância de dejectos de toda a ordem que mantém vivos, é à própria vida que ela confere um aspecto lúgubre e duvidoso. Ousou chamar-se virtude à compaixão (— em qualquer moral *nobre* é considerada uma fraqueza —); foi-se mesmo mais longe, dela fazendo a virtude, o solo e a fonte de toda a virtude — claro que isto só foi feito, e é necessário nunca o esquecer, com base numa filosofia que era niilista, que inscrevia no seu pendão a *negação da vida*. Neste ponto tinha Schopenhauer razão: a vida é *negada* pela piedade, que é ainda *mais digna de ser negada* — compadecer-se é a *prática* do niilismo. Uma vez mais, esse instinto depressivo e contagioso contradiz os instintos que visam à conservação

² Valor relativo.

e à valorização da vida: não só como *multiplicador* da miséria mas ainda como *conservador* dos míseros, é mola essencial na acentuação da *décadence* * — a piedade conduz ao *nada!*... Não se diz «nada»: substitui-se por «o além»: ou «Deus»; ou «*a verdadeira vida*»; ou nirvana, redenção, beatitude... Esta retórica inocente, saída da esfera da idiossincrasia religioso-moral, toma um aspecto *muito menos inocente* quando se descobre de que natureza é a tendência que ali se abriga sob o manto do vocabulário sublime: a tendência *hostil à vida*. Schopenhauer era hostil à vida: *é por isso* que, para ele, a piedade se transformou em virtude... Aristóteles, sabemo-lo, via na piedade um estado mórbido e perigoso, que seria útil aliviar de vez em quando com um purgante: ele considerava a tragédia um purgante. Partindo do instinto vital, para nos desembaraçarmos desse tumor de piedade, mórbido e perigoso como o mostra o caso de Schopenhauer (ai de nós! e o conjunto da nossa *décadence* * literária e artística, de São Petersburgo a Paris, de Tolstoi a Wagner), deveríamos realmente procurar um meio para o picar: para que *rebente*... Nada há mais malsão, no coração da nossa malsã modernidade, que a piedade cristã. *É aí* que é necessário manejar o escalpelo — eis o que *nos* cabe, eis a *nossa* caridade, eis o que *nos* faz filósofos, a nós Hiperbóreos!

É necessário dizer *quem* sentimos como nossa antítese — os teólogos e todo aquele que tem no corpo sangue de teólogo, toda a sua filosofia... É preciso ter visto de perto essa calamidade, mais ainda, é preciso tê-la sofrido pessoalmente, é preciso ter sido quase aniquilado por ela para já não admitir aqui qualquer gracejo (é a meus olhos um *gracejo* o género espírito-forte dos Senhores naturalistas e fisiólogos — falta-lhes a paixão destas coisas, o *sofrer* por elas —). Esta infecção estende-se bem mais longe do que se julga: encontrei o instinto de presunção, comum aos teólogos, por toda a parte onde, nos nossos dias, há alguém que se sente «idealista» — onde há alguém que se arroga, em virtude de uma extracção superior, o direito de lançar para os lados da realidade um olhar superior indiferente... O idealista, tal como o padre, tem na mão todas as grandes noções (— e não só na mão!), lança-as com um benévolo desprezo contra o «intelecto», os «sentidos», as «honras», o «conforto», a «ciência», vê tais coisas *abaixo* de si como forças perniciosas e sedutoras acima das quais «o espírito» plana no puro para-si-mesmo — como se a humildade, a castidade, a pobreza, numa palavra, a *santidade*, não tivessem causado até hoje infinitamente mais danos à vida que qualquer horror, qualquer vício... O puro espírito, eis a pura mentira... Tanto como o padre,

enquanto este negador, este caluniador, este envenenador da vida por *profissão*, passar por ser forma *superior* da humanidade, não haverá resposta para a pergunta: o que *é* a verdade? A verdade *foi* já posta de cabeça para baixo quando o advogado consciente do nada e da negação é considerado num representante da «verdade»...

9

É contra o instinto teológico que faço a guerra: por todo o lado encontrei o seu rasto. Quem quer que tenha no corpo sangue de teólogo fica desde logo, perante toda e qualquer coisa, em situação coxa e desonesta. Ao fundo patológico que daí resulta dá-se o nome de *fé*: fechar os olhos perante si mesmo, de uma vez para sempre, a fim de evitar o sofrimento que o aspecto de uma falsidade incurável provoca. Desta óptica falseada, aplicada a todas as coisas, se extrai, no seu íntimo, uma moral, uma virtude, uma santidade, fazendo-se de uma vista *má* a condição necessária para uma boa consciência — já se não permite que uma *outra* óptica possa ter valor depois de sob os nomes de «Deus», de «redenção», de «eternidade», se ter tornado essa, sacrossanta. Continuei por toda a parte a desvendar o instinto teológico: é a mais espalhada forma de falsidade que existe na terra, a sua forma, para falarmos com

propriedade, *subterrânea*. O que um teólogo sente ser verdadeiro é *necessariamente* falso: e aqui quase temos um critério da verdade. É o seu instinto de conservação mais subjacente a impedir que a verdade, seja sobre que ponto for, tenha lugar de honra ou seja, simplesmente, ouvida. Tão longe quanto se estende a influência do teólogo, o *juízo de valor* será voltado de pernas ao ar, as noções de «verdadeiro» e de «falso» serão forçosamente invertidas: o que existe de mais nocivo para a vida será aqui chamado «verdadeiro»; do que a eleva, a aumenta, a aprova, a justifica e a fará triunfar se dirá que é «falso»... Quando acontece que teólogos, através da «consciência» dos príncipes (*ou* da dos povos —), estendem a mão para o *poder*, não duvidemos, no fundo de nós próprios, *daquilo que* em cada momento se passa: a vontade de fim, a vontade *niilista*, quer mal ao poder...

10

Entre os alemães, entende-se imediatamente quando digo que a filosofia está corrompida pelo sangue teológico. O pastor protestante é o avô da filosofia alemã, e o protestantismo o seu *peccatum originale*. Definição do protestantismo: hemiplegia³ do cristianismo — e da razão... Basta pronunciar a palavra «Tübingen

³ Paralisia em metade do corpo.

Stift»⁴ para entender o que é no fundo a filosofia alemã: uma teologia *capciosa*... Os Suávios são os mais perfeitos mentirosos da Alemanha, mentem inocentemente... Donde vinha pois esse júbilo que, ao aparecer *Kant*, percorreu o mundo dos letrados alemães, nas suas três quartas partes constituído por filhos de pastores e mestres-escolas —. Donde vinha pois essa convicção alemã, que mesmo hoje em dia encontra ainda eco, de que se iniciava, com *Kant*, a viragem para um mundo *melhor*? O instinto teológico do letrado alemão adivinhou a partir daí o *que* voltava a ser possível... Abria-se um atalho até ao antigo ideal, a noção de «*mundo verdadeiro*», a noção de moral como *essência* do mundo (— são estas as duas noções mais perversas que existem! —), embora não fossem demonstráveis, estavam agora, graças a um astuto cepticismo, pelo menos *ao abrigo da refutação*... A razão, os direitos da razão não se estendem tão longe... Fizera-se da realidade uma «aparência»; de um mundo perfeitamente *forjado*, o do existente, fizera-se a realidade... o sucesso de *Kant* não é mais que um sucesso de teólogo: à semelhança de Lutero, à semelhança de Leibniz, *Kant* não passava de um freio, uma ferradura mais na decadência, mal segura de si, da rectidão alemã.

⁴ Célebre colégio protestante de Tübingen onde estudaram Schelling, Hegel, Hölderlin. Tübingen fica na Suávia.

Ainda uma palavra contra Kant *moralista*.
 É preciso que uma virtude seja criação *nossa*,
nossa defesa, a necessidade mais pessoal na pri-
 vação: sob qualquer outra acepção não é mais
 que uma ameaça. O que não determina a nossa
 vida causa-lhe *danos*: uma virtude que provém
 simplesmente de um sentimento de respeito
 perante a noção de «virtude», como o pretendia
 Kant, é nociva.

A «virtude», o «dever», o «bem em si», o
 bem como o carácter da impersonalidade e da
 generalidade — alucinações, nas quais se expri-
 mem o declínio, a extenuação da vida, a chi-
 nesice de Koenigsberg⁵. É precisamente o
 inverso que ordenam as mais profundas leis de
 conservação e de crescimento: que cada um
 crie para si a *sua* virtude, o *seu* imperativo cate-
 górico. Um povo, logo que confunde o *seu*
 dever com a ideia de dever, corre para a sua
 perda. Nada há de mais profundamente, mais
 intimamente ruinoso que o dever «impessoal»,
 o sacrifício aos pés do Moloc da abstracção.
 — Como não encarar o imperativo categórico
 de Kant como uma *ameaça contra a vida*?...
 Apenas o instinto teológico o tomou sob a sua
 protecção! — Uma acção a que conduz o ins-
 tinto da vida encontra no prazer a prova da

⁵ Kant nasceu em Koenigsberg.

sua *legitimidade*: e aí temos este niilista, de tripas cristiano-dogmáticas, que considerava o prazer uma *abjecção*... Haverá acaso alguma coisa que destrua mais depressa que trabalhar, pensar, sentir sem necessidade interior, sem uma escolha profundamente pessoal, *sem prazer?* como um autómato do «dever»? Eis precisamente a *receita da décadence* *, da própria idiotia... Kant idiotizou-se. — Era o contemporâneo de *Goethe*! A nefasta aranha passou — e passa ainda! — pelo filósofo *alemão*... Evitarei dizer o que penso dos Alemães... Não viu Kant na Revolução francesa a passagem de uma forma inorgânica do estado à sua forma *orgânica*? Não se perguntou ele se existia um dado acontecimento, o qual não pudesse ser explicado senão pela presença no homem de uma disposição moral, de tal maneira que ficaria *provada*, de uma vez para sempre, a «tendência da humanidade para o bem»? Resposta de Kant: «é a Revolução». O instinto que se engana sobretudo e mais alguma coisa, o *contra-a-natureza* como instinto, a *décadence* * alemã tornada filosofia — *aí temos Kant!*

12

Deixo de lado alguns cépticos, o exemplo decente na história da filosofia: quanto aos restantes, ignoram as primeiras exigências da

rectidão intelectual. Cada um desses grandes exaltados, desses fenómenos, age como o fazem as mulherzinhas — tomam já por argumentos os «belos sentimentos», o «peito inchado» por um sopro da divindade, a convicção por um *critério* da verdade. Kant, na sua candura «alemã», acabou por tentar fazer dessa corrupção, dessa falta de consciência intelectual, ciência sob a noção de «razão prática»: inventou propositadamente uma razão, que especifica os casos em que não há que dar atenção à razão, ou seja aqueles em que a moral, a sublime exigência «tu deves» faz ouvir a sua voz. Basta notar que, em quase todos os povos, o filósofo é apenas o prolongamento do tipo sacerdotal, e essa herança do padre, *pagar com moeda falsa*, já nos não surpreende. Quando alguém tem tarefas sagradas, por exemplo a de corrigir, salvar, redimir o homem — quando alguém traz a divindade no seu seio, quando é o porta-voz de imperativos do além, uma tal missão coloca-o já para além de qualquer estimativa puramente intelectual — não é já *ele próprio* sagrado por uma tal tarefa, ele próprio já o tipo de um regime superior?... A um padre, que lhe interessa a *ciência!* Está demasiado alto para isso! — E até agora o padre *reinou!* — Era *ele quem determinava* a noção de «verdadeiro» e de «não-verdadeiro»!...

Não subestimemos o seguinte: *nós próprios*, nós, os espíritos livres, somos, aqui e já, uma «transvalorização de todos os valores», uma declaração de guerra e vitória, *incarnada* nas velhas noções de «verdadeiro» e «não-verdadeiro». As luzes mais preciosas são aquelas que se descobrem em último lugar: ora as luzes mais preciosas são os *métodos*. *Todos* os métodos, *todas* as pressuposições do nosso actual espírito científico foram, através de milénios, alvo do mais profundo desprezo: além disso, era-se excluído de qualquer contacto com as pessoas «honestas» — passava-se por «inimigo de Deus», por desprezador da verdade, por «possesso». Como carácter científico era-se Tchandala⁶... tivemos contra nós toda a irracional emoção da humanidade — a sua concepção daquilo que a verdade *deve* ser, daquilo que o serviço da verdade *deve* ser: cada um dos «tu deves», até ao presente, era dirigido *contra* nós... Os nossos objectivos, as nossas experiências, a nossa maneira de ser, tranquila, cautelosa, desafiadora — tudo isso lhe parecia perfeitamente indigno e desprezível. — Enfim, quase haveria razão para perguntar se aquilo que manteve a humanidade numa tão longa cegueira não seria,

⁶ Nome dado à classe mais baixa na sociedade de castas indu.

em última análise, um gosto *estético*: exigia ela da verdade um efeito *pitoresco*, exigia ainda que o homem do conhecimento agisse violentamente sobre os sentidos. Foi a nossa discreção o que durante mais tempo lhe amargou o paladar... Ah! como eles a adivinharam, esses perus de Deus.

14

Nós frequentámos outras escolas. Tornámo-nos, a todos os títulos, mais modestos. Já não derivamos o homem do «espírito», da «divindade», voltámos a colocá-lo no mundo animal. A nosso ver, ele é o animal mais forte porque é o mais ardiloso: daí resulta, entre outras coisas, o facto de ser dotado de espírito. Repudiámos por outro lado uma vaidade que, a tal respeito, muito gostaria de se fazer de novo ouvir: considerar o homem como tendo sido o grande desígnio prévio da evolução animal. A verdade é que ele nada tem de um pináculo da criação: qualquer ser, comparado a ele, se encontra em idêntico grau de perfeição... E pretendê-lo é ainda um pretenciosismo: encarado relativamente, o homem é o animal mais incompetente, o mais mórbido, o mais perigosamente desviado dos seus instintos — claro, com tudo isto, é ele também o mais interessante! — No que se refere aos animais, foi Descartes o primeiro, com uma temeridade que só o honra,

a ousar a ideia de considerar o animal como *machina*: toda a nossa fisiologia se empenha em apresentar a prova deste princípio. Nós somos lógicos e, indo mais além, não deixamos o homem de lado como Descartes o fazia ainda: em tudo o que hoje se conhece acerca do homem nada há que não esteja englobado nesta percepção do homem como máquina. Outrora, como se porventura o tivesse favorecido um sistema superior, dava-se ao homem o «livre arbítrio»: hoje até o querer lhe retiramos, dado que nele se não pode já subentender propriedade alguma. O velho vocábulo «vontade» já só serve para designar uma resultante, uma espécie de reacção individual que sucede obrigatoriamente a um sem número de excitações, em parte contraditórias, em parte concordantes — a vontade já não é «efectiva», já não é «motriz»... Outrora, via-se na consciência do homem, no seu «espírito», a prova da sua origem superior, da sua divindade; para *aperfeiçoar* o homem, aconselhavam-no, à semelhança da tartaruga, a recolher os sentidos para o interior de si próprio, a acabar quaisquer contactos neste mundo, a despojar-se do seu invólucro mortal: pois assim apenas restaria, dele próprio, o essencial, o «puro espírito». Também aí nós mudámos de direcção: consideramos precisamente a consciência, o «espírito», como sendo o sintoma de uma relativa imperfeição do organismo, como uma experimentação, um tactear e uma imperícia,

como que uma azáfama que é a ocasião de um excessivo dispêndio nervoso — negamos que qualquer coisa possa ser feita com perfeição sempre que seja feita conscientemente. O «puro espírito» é uma pura estupidez: retiremos o sistema nervoso e os sentidos, o «invólucro mortal», e *fazemos um mau cálculo* — e isso é tudo!...

15

No cristianismo, nem a moral nem a religião atingem sequer um ponto da realidade. Ali apenas encontramos *causas* («Deus», «alma», «eu», «espírito» o «livre» — ou também o «não-livre arbítrio»): ali apenas encontramos *efeitos* imaginários («pecado», «redenção», «graça», «punição», «remissão dos pecados»). Um comércio entre *seres* imaginários («Deus», «espíritos», «almas»); uma ciência *natural* imaginária (antropocêntrica; ausência de qualquer noção de causa natural); uma *psicologia* imaginária (nada mais que falsos conhecimentos de si próprio, interpretações de sentimentos gerais agradáveis ou então desagradáveis, por exemplo dos estados do *nervus sympaticus*, através da linguagem por sinais da idiosincrasia religioso-moral — «arrependimento», «remorsos», «tentação do diabo», a «presença de Deus»); uma *teleologia* imaginária («o reino de Deus», «o juízo final», «a vida eterna»). — Este puro *mundo de*

ficção distingue-se, e para a sua grande desvantagem, do mundo do sonho que, pelo menos, *reflecte* a realidade ao passo que *aquela* a falsifica, a desvaloriza, a nega. A partir do momento em que se inventou a noção de «natureza» a fim de a opor à de «Deus» «natural» tinha forçosamente de ser a palavra para designar o «reprovável» — todo este mundo de ficção tem as suas raízes no *ódio* pelo natural (— pela realidade! —), ele é a expressão de um profundo mal-estar perante o real... *Mas eis que tudo se aclara*. Quem poderia ter qualquer razão para *se evadir pela mentira* da realidade? Quem quer que ela faça *padecer*. Mas *padecer* da realidade significa que se é uma realidade *naufragada*... O predomínio estabelece a *fórmula de décadence* *...

16

Ao criticar a *noção cristã de Deus*, chegamos necessariamente à mesma conclusão. — Um povo que ainda acredita em si próprio possui, além disso, o seu próprio Deus. Nele venera as condições a que deve o facto de se ter destacado, as suas virtudes, — projecta num ser a quem possa dar graças pelo prazer que em si mesmo tem, o seu sentimento de poder. Naquele que é rico há uma vontade de dispendir; um povo orgulhoso necessita de um Deus para *sacri-ficar*... A religião é, nestas condições, uma forma

tomada pela gratidão. Tem-se gratidão por si próprio: tem-se pois necessidade de um Deus. — Tal Deus deve poder servir e prejudicar, deve poder ser amigo e inimigo — poder-se-á admirá-lo tanto no bom como no mau. A castração, *contra a natureza*, do Deus em Deus simplesmente bom, seria, neste caso, absolutamente indesejável. Sente-se uma necessidade igual do Deus mau e do bom: não é de modo algum à tolerância, à filantropia, que se é devedor da exigência... Para que quereriam eles um Deus que se mantivesse na ignorância da cólera, da vingança, da inveja, da zombaria, da manha, da violência? ou que poderia até não ter a menor ideia dos arrebatadores *ardeurs** da vitória e da destruição? Não se poderia entender um tal Deus: assim, para quê tê-lo? — Evidentemente: quando um povo se afunda; quando sente desvanecer-se para sempre a sua crença no futuro e a sua esperança de liberdade; quando a servidão penetra na sua consciência como utilidade primeira e as virtudes dos servos como condições de sobrevivência, o seu Deus *deve*, ele também, transformar-se. Será daí em diante um simulador, um timorato, um modesto, convidará à «paz da alma», a nunca odiar, à indulgência, ao «amor» sem distinção por amigos e inimigos. Moraliza constantemente, rasteja para o côncavo de cada virtude privada, torna-se Deus para cada um, torna-se particular, torna-se cosmopolita. Outrora representava um povo, a força de um povo, tudo o que a

alma de um povo tem de agressivo e sedento de poder: de agora em diante já não será mais que o Deus bom: ele é *ou* a vontade de poder — e será todo esse tempo o Deus do povo —, *ou pelo contrário* a importância do poder — e torna-se então forçosamente *bom...*

17

Onde quer que a vontade de poder esteja, sob que forma for, em declínio, encontrar-se-á também uma regressão fisiológica, uma *décadence* *. Circuncisa das suas virtudes, dos seus mais viris instintos, a divindade da *décadence* * transformar-se-á necessariamente em Deus dos fisiologicamente retrógrados, dos débeis. Esses *não* dão a si próprios o nome de débeis, dizem ser «os bons»... Não é de modo algum necessário ser-se perito para compreender em que momentos da História a ficção dualista de um Deus bom e de um outro mau se torna, súbitamente, possível. O mesmo instinto com que os submissos fazem descer o seu Deus ao nível do «bem em si», lhes faz eliminar as boas qualidades de Deus dos seus vencedores; para se vingarem dos seus senhores, *satanizam* o Deus destes — tanto o *bom* Deus como o diabo não são mais que abortos da *décadence* *. — Como podemos hoje em dia fazer tantas concessões à tolice dos teólogos cristãos ao ponto de com

eles decretarmos que um «Deus de Israel», que o Deus do povo tornado Deus cristão, quintessência de todo o bem, que este desenvolvimento da noção de Deus é um *progresso*? — Mas até o próprio Renan está neste caso, Como se Renan tivesse o direito a ser tolo! Contudo, é o contrário que salta à vista! Quando as condições prévias da vida *ascendente*, quando tudo o que é forte, valoroso, imperioso, soberbo, se vê eliminado da noção de Deus, quando esta vem progressivamente a degenerar em símbolo — bordão de extenuados —, bóia de quem se afoga, quando ele se torna Deus-dos-miseráveis, Deus-dos-pecadores, Deus-dos-doentes *par excellence* * e que o predicado «salvador», «redentor», é, por assim dizer, *tudo* o que na realidade resta do predicado divino: *que* nos diz tal metamorfose? uma tal redução do divino? — Seguramente: o «reino de Deus» alargou-se por esse facto. Outrora tinha apenas o seu povo, o seu povo «eleito». Entretanto, tal como o seu povo, partiu para o exílio, à aventura, não voltando, desde então, a encontrar repouso: até suceder que por todo o mundo se sentia em sua casa, o grande cosmopolita — até que chegou a ter, do seu lado, «o grande número» e a metade da terra. Mas o Deus do «grande número», o democrata entre os Deuses, está tão longe de ter alcançado o orgulho de um Deus pagão: manteve-se judeu, manteve-se o Deus das esquinas, de todos os cantos e recantos sombrios, de todos os bairros insalu-

bres do mundo inteiro!... Depois como antes, o seu reino neste mundo é um reino de sub-mundo, um hospício, um reino-*souterrain**, um reino-ghetto... E ele tão pálido, tão débil, tão *décadent**... Até os lívidos de entre os pálidos se puderam tornar seus donos, os Senhores metafísicos, os albinos do conceito. Esses, tanto tramaram em seu redor que, hipnotizado pelos seus movimentos, ele próprio se tornou aranha, ele próprio metafísico. Então, voltou a desfiar a teia do mundo para fora de si — *sub specie Spinozae*[†], então, transformou-se em algo de cada vez mais *ténue* e mais pálido, tornou-se «ideal», tornou-se «puro espírito», tornou-se «*absolutum*», tornou-se «coisa em si»... *Queda de um Deus: Deus fez-se «coisa em si»...*

18

A noção cristã de Deus — Deus como Deus-dos-doentes, Deus aranha, Deus espírito — é uma das mais corruptas noções de Deus a que sobre a terra se chegou; ela representa sem dúvida a estação seca na evolução declinante do tipo divino. Deus degenerado em *contradição da vida* em vez de ser a sua transfiguração e o

[†] Jogo de palavras com o nome de Spinoza baseado no facto de *spinne* significar *aranha*.

sim eterno! Ter, através de Deus, aberto as hostilidades contra a vida, a natureza, a vontade de vida! Deus, a fórmula para cada difamação do «aqui da terra», para cada mentira do «além»! Em Deus, o nada divinizado, a vontade do nada santificada!...

19

O facto de as raças vigorosas da Europa do norte não terem repellido o Deus cristão, não honra de modo algum o seu talento religioso — para já não falar do seu gosto. *Deveriam* elas ter triunfado de um tal aborto da *décadence* *, mórbido e senil. Mas, porque o não repeliram, pende sobre elas uma maldição: acolheram nos seus instintos a doença, a senilidade, a contradição — e não voltaram desde então a *criar* Deus algum! Dois milénios se terão em breve passado e nem um único Deus! Apenas, subsistindo sempre e como de direito próprio, como um *ultimatum* e *maximum* da força que cria o divino, do *creator spiritus* no homem, esse lastimável Deus do monoteísmo cristão! Esse híbrido conjunto de escombros, feito de zero, de conceito e de contradição, onde todos os instintos da *décadence* *, todas as cobardias e fadigas da alma, vêm encontrar sanção!

Quereria, ao condenar o cristianismo, não ter cometido qualquer injustiça contra uma religião análoga que, pelo número dos que a professam, é até predominante: o *budismo*. Ambas se assemelham entre si, pois ambas são religiões niilistas — são religiões do tipo *déca-dent* * —, mas ambas se separam entre si do mais estranho modo. O crítico do cristianismo deve aos sacerdotes indus uma profunda gratidão por lhe ser hoje possível *compará-las*. — O budismo é cem vezes mais realista que o cristianismo — herdou no sangue um modo frio e objectivo de pôr os problemas, vem *após* séculos de actividade filosófica: a noção de Deus não tem já valor quando ele chega. O budismo é a única religião que a história nos apresenta a que se pode chamar religião com propriedade *positivista*, e mesmo na sua teoria do conhecimento (— um restrito fenomenalismo —), não diz já «combater o pecado» mas, conferindo à realidade o seu pleno direito, «combater o *sofrimento*». Tem — o que vem distingui-lo profundamente do cristianismo — tem já atrás de si esse logro de si próprio que são as ideias morais, — encontra-se, para falar a minha linguagem, *para além* do bem e do mal. — Os dois dados fisiológicos sobre os quais se estabelece e dirige as suas vistas são: *primeiro* uma hiperestesia que se exprime como uma refinada aptidão para a dor, *depois* um excesso

para o lado do espírito, uma estadia demasiado longa nos conceitos e processos lógicos, sob cujo efeito o instinto de pessoa sofreu danos em favor do «impessoal» (— dois estados que pelo menos alguns dos meus leitores, os «objectivos», conhecerão como eu por experiência própria). Estas condições fisiológicas originaram uma *depressão*: Buda recorre então à higiene. Opõe-lhe a prática da vida ao ar livre, da vida vagabunda; a temperança e a selecção nos alimentos; a prudência no que se refere a todas as bebidas espirituosas; uma prudência igual no que se refere a qualquer emoção que produza bÍlis, que aqueça o sangue; ausência de *cuidados*, por si ou por outrem. Prescreve representações que proporcionem repouso ou que alegrem — inventa meios para se desabituar dos outros. Considera a bondade, o estado de bondade, como favorável à saúde. A *oração* é excluída tal como a ascese; nenhum imperativo categórico, absolutamente nenhum *constrangimento*; nem sequer no interior da comunidade conventual (— pode voltar a sair dela —). Tudo isso seriam meios para exacerbar essa hiperestesia. Portanto não exige luta contra os que pensam de maneira diversa; a sua doutrina nada repudia a *não ser* o sentimento de vingança, a aversão, o *ressentiment* * (— «não é a inimizade que porá fim à hostilidade»: tocante mote de todo o budismo...). E isto com a maior razão: essas emoções seriam *as mais malsãs* à vista da intenção

dietética principal. A fadiga espiritual que se lhe apresenta e que se exprime num excesso de «objectividade» (ou seja, enfraquecimento do interesse individual, perda de peso, de «egoísmo»), combate-a ele dirigindo estritamente para a própria *pessoa* os mais espirituais interesses. O egoísmo, na doutrina de Buda, torna-se um dever: «uma coisa é necessária» e «como te desembaraçares do sofrimento», eis o que rege e delimita toda a dieta espiritual (— porque não pensar naquele Ateniese que fez também a guerra contra a atitude puramente «científica» em Sócrates que, mesmo no domínio dos problemas, elevou o egoísmo da pessoa ao nível de moral).

21

O budismo pressupõe um clima extremamente doce, muita amenidade e liberalidade nos costumes, *ausência* de militarismo; é que o movimento budista tem o seu lugar no seio das classes superiores e inclusivamente sábias. Pretende-se a serenidade, a quietude, a ausência de desejo por um fim supremo, e está assim *atingido* o seu fim. O budismo nada apresenta de uma religião em que a aspiração ao perfeito contenta os seus praticantes: a perfeição é o caso geral.

No cristianismo, os instintos dos servos, dos oprimidos, passam a primeiro plano: são as

camadas mais baixas que nele procuram a sua salvação. Nele, como *ocupação*, remédio contra o aborrecimento, pratica-se a casuística do pecado, a auto-crítica, a inquisição da consciência; nele, o affecto para com um *poderoso* chamado «Deus» é constantemente sustentado (pela oração); nele, o que existe de mais elevado passa por inacessível, por oferta, por «graça». Nele se nota igualmente a falta do que é público; o esconderijo, o lugar sombrio, eis o que é cristão. Nele o corpo é votado ao desprezo, recusa-se a hygiene como sendo sensualidade; a Igreja repudia até a limpeza (— a primeira medida tomada pelos cristãos assim que escorraçaram os Mouros foi fechar os banhos públicos; só em Córdova havia 270). O que é cristão, é um certo sentido da crueldade para consigo e para com os outros; o ódio contra aqueles que pensam de maneira diversa; a vontade de perseguir. Em primeiro plano, apresentam-se-nos lúgubres imagens, feitas com o fim de emocionar; os estados mais desejáveis, designados pelos mais honrosos nomes, são estados epilépticos; escolhe-se a dieta que favorece os sintomas mórbidos e sobreexcita os nervos. O que é cristão, é a mortal animosidade contra os senhores da terra, contra os homens que se «distinguem» — e ao mesmo tempo uma rivalidade secreta, inconfessada (— abandona-se-lhes o «corpo», quer-se apenas a «alma»...). O que é cristão, é o ódio contra o *espírito*, contra o orgulho, a coragem, a liber-

dade, a *libertinage* * do espírito; o que é cristão, é o ódio contra os sentidos, contra a alegria...

22

O cristianismo, assim que abandonou o seu primeiro solo, as classes mais baixas, o sub-mundo do mundo antigo, assim que partiu em busca do poder entre os povos bárbaros, não tinha já como primeira condição uma humanidade *fatigada*, mas homens rendidos à selvagem interior e que se despedaçavam — o homem vigoroso, mas incompetente. A insatisfação consigo próprio, o sofrimento consigo próprio *não* é neste caso, como no dos budistas, uma excitabilidade e uma aptidão para a dor excessivas, mas o contrário, um desejo irreprímível de fazer mal, de libertar a tensão interna através de acções e representações hostis. Para dominar os bárbaros, o cristianismo tinha necessidade de noções e valores *bárbaros*: daí o sacrifício do primogénito, a ingestão de sangue na comunhão, o desprezo pelo espírito e pela cultura; a tortura sob todas as suas formas, física e mental; a grande pompa do culto. O budismo é uma religião para homens *morosos*, raças tornadas doces, amenas, excessivamente espirituais, que com demasiada facilidade são sujeitas à dor (— a Europa não está, nem de longe, suficientemente ama-

durecida para ele—): é uma recondução dessas raças à paz e à serenidade, à dieta no domínio do espírito, a um certo amadurecimento no domínio do corpo. O cristianismo pretende dominar gente ávida; a sua táctica é torná-la *doente* — enfraquecer, eis a receita cristã para a *domesticação*, para a «civilização». O budismo é uma religião para o fim e a fadiga da civilização; o cristianismo nem sequer achou na sua frente uma civilização — em última instância, fundou-a.

23

Devemos repeti-lo, o budismo é cem vezes mais frio, mais verídico, mais objectivo. Já não tem a necessidade de tornar o seu sofrimento, a sua aptidão para a dor, *condignos* da interpretação do pecado — limita-se a dizer simplesmente o que pensa, «eu sofro». Para o bárbaro, sofrer, em si, não tem nada de digno, muito pelo contrário: é-lhe prèviamente necessária uma interpretação para confessar a si próprio o *facto* de que sofre (o instinto que o move, mais depressa o conduziria a negar o sofrimento, a suportá-lo silenciosamente). Para este caso, a palavra «diabo» era uma benesse: enfrentava-se um inimigo super-poderoso e terrível — não havia nada de vergonhoso em sofrer pela acção de um tal inimigo.

O cristianismo apresenta, na sua base, alguns requintes que lhe vêm do Oriente. Sabe, em primeiro lugar, que é de todo indiferente que uma coisa seja verdadeira em si, mas da mais alta importância que ela *seja* tomada como verdadeira. A verdade e a *crença* em que uma coisa é verdadeira: dois mundos de interesse absolutamente divergentes, mundos quase *antagônicos* — a um e a outro se chega por caminhos fundamentalmente diferentes. Esse saber, no Oriente, é quase ele que *faz* o sábio: assim o entendem os Brâmanes, assim o entende Platão e qualquer discípulo da sabedoria esotérica. Se é certo que o homem alcança uma *felicidade* ao acreditar-se livre do pecado, é certo que tal só é possível sob a condição prévia, não de que o homem seja pecador, mas sim de que se *sinta* pecador. Ora se a *crença* é mais necessária que qualquer outra coisa, tornar-se-á obviamente imprescindível lançar o descrédito sobre a razão, o conhecimento, a pesquisa: o caminho da verdade tornou-se caminho *interdito*. A grande esperança é um muito maior estimulante para a vida que qualquer felicidade que se realize no plano do real. Para aqueles que sofrem, é necessário encontrar, para os animar, uma esperança que realidade alguma possa contradizer — de que satisfação alguma consiga *desviá-los*: uma esperança de além. (É precisamente por esta faculdade que possui de fazer suspirar por ela os infelizes, que a esperança era, entre os Gregos,

considerada o mal entre os males, o mal verdadeiramente *malicioso*: abandonavam-na na caixa dos males). — Para que o *amor seja* possível, é preciso que Deus seja uma pessoa; para que os instintos mais subjacentes possam dizer de sua justiça, é necessário que Deus seja jovem. Para satisfazer o ardor piedoso das mulheres deve pôr-se em primeiro plano um santo belo; para o dos homens, necessário se torna uma Maria. Isto na pressuposição de que o cristianismo pretende dominar num terreno onde o culto afrodisíaco ou o de Adónis determinaram previamente a *concepção do culto*. A exigência de *castidade* fortifica a veemência e a interioridade do instinto religioso — torna o culto mais quente, mais exaltado, enriquece-o de alma —. O amor é o estado em que os homens têm mais possibilidades de ver as coisas como elas *não são*. A força ilusória encontra aqui o seu paroxismo, bem como a força lenificante, *transfiguradora*. No amor, suporta-se mais que o habitual, tolera-se tudo. Tratava-se pois de inventar uma religião onde se pudesse amar: pois tal permite esquecer o que de pior a vida tem — já nem sequer se dá por isso —. E eis o que chega para explicar as três virtudes cristãs; fé, caridade, esperança: chamo-lhes as três *habilidades cristãs*. — O budismo é demasiado moroso, demasiado positivista para ter ainda este tipo de habilidade.

Limito-me aqui a abordar o problema da *criação* do cristianismo. Necessitamos, para o resolver, do seguinte *primeiro* princípio: o cristianismo só pode ser compreendido a partir do solo que o alimentou — ele *não* é uma reacção contra o instinto judeu, mas a própria coerência da sua progressão, o passo mais próximo da sua lógica temível, na fórmula do redentor: «A salvação vem dos Judeus». — E eis o *segundo* princípio: é ainda possível descortinar o tipo psicológico do Galileu, mas é apenas quando alcançou a sua completa desfiguração (a um tempo mutilação e aposição de traços estrangeiros) que ele pôde ter a utilização que lhe deram, a de redentor da humanidade.

Os Judeus são o povo mais singular da história porque ao verem-se perante o problema do ser e o do não-ser escolheram, com uma lucidez absolutamente perturbante, o ser *por qualquer preço*: esse preço era a *falsificação* radical de toda a natureza, de toda a realidade, tanto do mundo interior no seu todo como do mundo exterior. Definiram-se *como oposição* a todas as condições de que um povo, até ao presente, tinha a possibilidade, o *direito* de viver; fizeram de si próprios uma antítese das condições *naturais* — perverteram sucessivamente, e de modo irremediável, a religião,

o culto, a moral, a história, a psicologia, fundando para cada vez uma destas coisas, o *dementido do seu valor natural*. Voltamos uma vez mais a encontrar este mesmo fenómeno, elevado a proporções inauditas, mas apenas como cópia: a igreja cristã, aos olhos do «povo santo», não pode de modo algum ter pretensões de originalidade. É precisamente essa a razão que faz dos Judeus o povo mais *funesto* da história do mundo: a humanidade foi a tal ponto falseada pelo ulterior efeito da sua acção que, hoje em dia, um cristão pode sentir-se anti-judeu sem se considerar a si próprio *a última consequência judaica*.

Na minha «Genealogia da moral», expus psicologicamente, pela primeira vez, o par anti-nómico de uma moral *nobre* e de uma moral de *ressentiment* *, tendo esta brotado do *não* pronunciado contra aquela: aí temos toda a moral judaico-cristã. A fim de poder dizer não a tudo o que representa o movimento *ascendente* da vida sobre a terra, o desenvolvimento, o poder, a beleza, a auto-aprovação, era necessário que o instinto de *ressentiment* * considerado génio fabricasse para si próprio um *outro* mundo, onde essa *aprovação da vida* fosse considerada o mal, o reprovável em si. Sob o ponto de vista psicológico, devemos acrescentar ainda que o povo judeu com a mais tenaz energia vital, um povo que, colocado em condições impossíveis, mas livremente, a partir

da mais profunda inteligência da conservação, toma o partido de todos os instintos da *décadence** — não sujeito a esses instintos, mas porque neles descobria um poder que lhe permitia afirmar-se *contra* «o mundo». Os Judeus são o oposto de todos os *décadents**: viram-se obrigados a *representar* o papel destes até à perfeita ilusão, souberam, e foi esse o *non plus ultra* do génio teatral, pôr-se à frente de todos os movimentos de *décadence** (— na qualidade de cristianismo de *Paulo* —) e deles fazer algo que fosse mais forte que qualquer partido de *adesão* à vida. A *décadence** é, para o tipo de homem que no judaísmo e no cristianismo aspira ao poder, um estilo *sacerdotal*, simplesmente um *meio*: é interesse vital dessa categoria de homens tornar a humanidade *doente* e perverter as noções de «bem» e de «mal», de «verdadeiro» e de «falso», num sentido mortal para a vida e infamante para o mundo.

25

A história de Israel é inestimável como história-tipo de toda a deformação dos valores naturais: indico cinco factos que com ela se relacionam. Primitivamente, sobretudo na época dos Reis, Israel estava também, perante todas as coisas, em relação *justa*, ou seja, em relação natural. O seu Yahvé exprimia

a consciência do poder, o prazer de si, a esperança em si próprio: esperava-se dele a vitória e a salvação, com ele se confiava na natureza e em que ela daria o que é necessário ao povo — primeiro que tudo, a chuva. Yahvé é o Deus de Israel e, *por conseguinte*, o Deus da justiça: lógica de todo o povo que se encontra em estado de poderio e daí extrai a sua boa consciência. É no culto da festa que se exprimem num povo estes dois aspectos da aprovação de si próprio: sente gratidão pelos grandes destinos graças aos quais alcançou uma posição privilegiada, sente gratidão pelo ciclo das estações e por qualquer êxito na criação de gado e na agricultura. — Este estado de coisas foi durante muito tempo considerado o ideal, e era-o ainda quando foi abolido da forma mais aflitiva: no interior a anarquia, no exterior o Assírio. Mas o povo mantinha-se fiel à imagem de um rei bom soldado e juiz rigoroso, considerando-a a mais desejável: principalmente esse profeta-tipo (ou seja, crítico e satírico do estado momentâneo), Isaías. — Mas toda a esperança foi em vão. O antigo Deus já nada *podia* do que pudera outrora. Deviam tê-lo deixado sucumbir. Em vez disso, que aconteceu? Modificaram a noção que dele tinham — *deformaram* essa noção: e por esse preço o mantiveram. — Yahvé, o deus da «justiça» — *já não mantém* a sua unidade com Israel, já não é a expressão do amor-

-próprio do povo: não passa agora de um Deus condicionado... A sua noção torna-se um instrumento nas mãos dos agitadores sacerdotais que, de agora em diante, interpretam toda a felicidade como uma recompensa, toda a desgraça como uma punição por desobediência a Deus, por se ter «pecado»: fraudulenta mania interpretativa da pretensa «moralidade da ordem universal», que permite inverter, de uma vez para sempre, a noção natural de «causa» e de «efeito». Quando se acaba, através da recompensa e punição, por fazer desaparecer a causalidade natural, torna-se indispensável encontrar uma causalidade *anti-natural*: e daí se prossegue para todo o restante contra-natural. Um Deus que *exige* — em vez de um Deus que assiste, que dá conselho, que é enfim o nome dado a toda a inspiração feliz da coragem e da confiança em si próprio... Não sendo já a *moral* a expressão das condições de vida e de crescimento de um povo, não sendo já o seu mais subjacente instinto de vida, mas tornada abstracta, o oposto da vida — moral como degradação sistemática da fantasia, «mau olhar» sobre todas as coisas. *O que é a moral judaica, o que é a moral cristã?* A inocência subtraída ao acaso; a desgraça enxovalhada pela noção de «pecado»; o bem-estar considerado um perigo, uma «sedução»; o mal-estar fisiológico envenenado pelo verme da consciência...

Falsificação da noção de Deus; falsificação da noção de moral — o sacerdote judeu não ficou por aí. Não sabia o que fazer de toda a *história* de Israel: a resposta era deitá-la fora! — Estes padres puseram de pé o prodígio de falsificação de que é documento comprovativo uma boa parte da Bíblia: com um desprezo sem igual, insultavam toda a tradição, toda a realidade histórica, *traduziram para religioso* o seu próprio passado de povo, o que significa que dele fizeram um estúpido mecanismo de salvação: falta contra Yahvé e punição, amor por Yahvé e recompensa. Muito mais dolorosamente sentiríamos esta escandalosa falsificação histórica se a interpretação *de igreja*, que há milénios se processa, nos não tivesse tornado quase estúpidos perante as exigências de rectidão *in historicis*. E a Igreja foi secundada pelos filósofos: a *mentira* da «moralidade da ordem universal» percorre toda a evolução da filosofia, mesmo a mais recente. Que significa «moralidade da ordem universal»? Que existe, sem quaisquer dúvidas, uma vontade de Deus no que se refere ao que o homem deve fazer ou ao que não deve fazer; que o valor de um povo se mede pela sua maior ou menor obediência à vontade de Deus; que os destinos de um povo, de um indivíduo, manifestam a natureza *imperiosa* da vontade divina, a qual castiga e recompensa propor-

cionalmente à obediência. — A *realidade*, em vez desta desprezível mentira, ei-la: um tipo de homem parasita, que apenas pode prosperar a expensas das formas sãs da vida, o *padre*, abusa do nome de Deus: a um estado da sociedade em que é o padre quem decide do valor das coisas, chama ele «reino de Deus»; aos expedientes através dos quais tal estado se atinge ou é mantido, chama ele «vontade de Deus»; friamente, cìnicamente, o padre avalia os povos, as épocas, os indivíduos, conforme foram úteis ou refractários à influência dos padres. Basta vê-los agir: a *grande* época da história de Israel tornou-se, nas mãos dos padres judeus, uma época de decadência, e o exílio, a longa calamidade, metamorfoseou-se em eterno *castigo* pela grande época — a época em que o padre não tinha valor algum. Das grandiosas figuras da história de Israel, *de tão livre recorte*, fizeram eles, à medida das suas necessidades, míseros poltrões e beatos, ou então «descrentes», reduziram a psicologia dos grandes acontecimentos a essa fórmula de idiotas: «obediência ou desobediência a Deus» — ainda mais um passo: a «vontade de Deus» (ou seja, as condições de conservação do poder dos padres) deve ser *conhecida* — para tal será necessária uma «revelação». Em linguagem clara: na necessidade de uma grande falsificação literária, descobrem-se umas «santas escrituras» — com grande pompa hierática, com

grandes demonstrações de penitência e lamentação sobre o longo «pecado», publicam-nas. A «vontade de Deus» estava desde há muito já determinada: o mal fora o terem-se afastado das «santas escrituras»... Já a Moisés havia sido revelada a «vontade de Deus»... Que se tinha passado? Com rigor, com preciosismo, não esquecendo a inclusão dos tributos, pequenos e grandes, que lhe devem ser pagos (— sem olvidar as carnes mais delicadas: sim, que ele é grande apreciador do belo bife), o padre, de uma vez para sempre, formula *aquilo que deseja ter*, «qual é a vontade de Deus»... De agora em diante, todas as coisas da vida estão de tal modo engrenadas que o padre é *por toda a parte indispensável*; em todos os acontecimentos naturais da vida, na altura do nascimento, do casamento, da doença, da morte, para já não falar do «sacrifício» (o «repasto»), faz o santo parasita a sua aparição para os *deformar* — na sua linguagem: para os «santificar»... Porque é necessário entendermos bem o seguinte: todo o costume natural, toda a instituição natural (estado, justiça, casamento, socorros aos doentes e aos indigentes), toda a exigência inspirada pelo instinto da vida, tudo enfim que tem o seu valor *em si* se vê fundamentalmente privado desse seu valor pelo parasitismo do padre (ou da «moralidade da ordem universal»), se tornou *contrário* a qualquer valor: é-lhe necessária uma sanção posterior — deve encontrar-se um poder *que con-*

*fira o valor, o qual lhe nega todo o natural, criando por esse facto um valor... O padre desvaloriza, profana a natureza: esse é o preço pelo qual subsiste. — A desobediência a Deus, ou seja, ao padre, à «lei», recebe de agora em diante o nome de «pecado»; os meios para «se reconciliar com Deus» são, como era de esperar, meios pelos quais a sujeição aos padres se encontra garantida com uma ainda maior solidez: apenas o padre «resgata»... Psicologicamente, os «pecados» são indispensáveis em qualquer sociedade de estrutura sacerdotal: são as verdadeiras molas do poder, o padre vive do pecado, precisa que se «peque»... Princípio supremo: «Deus perdoa a todo aquele que faz penitência» — em linguagem clara: *a todo aquele que se sujeita ao padre.**

27

Foi um chão de *falsidade* como este, onde toda a natureza, todo o valor de natureza, toda a *realidade* tinha contra si os mais profundos instintos da classe governante, que o *crístianismo* se desenvolveu como forma de mortal hostilidade contra a realidade, que não voltou a ser, desde então, ultrapassada. O «povo santo» que já só tinha em reserva para todas as coisas valores de padre, palavras de padre, e que, com assustadora lógica consequente, separara de si como «ímpio», como «mundo»,

como «pecado», tudo o que era ainda sobre a terra — esse povo fabricou à laia de instinto próprio uma última fórmula, lógica até à negação de si: foi, como *cristianismo*, até ao ponto de negar a última forma da realidade, o «povo santo», o «povo eleito», a própria realidade *judaica*. O processo é de primeira grandeza: o pequeno movimento insurreccional que foi baptizado com base no nome de Jesus de Nazaré é, *uma vez mais*, o instinto judeu — por outras palavras, o instinto de padre que já não sustenta o padre como realidade, a invenção de uma forma de existência ainda *mais desgarrada*, de uma visão do mundo ainda *mais irreal* que a determinada pela organização de uma igreja. O cristianismo *nega* a igreja...

Não consigo descortinar contra que podia ser dirigida a sublevação de que, com razão ou talvez *sem ela*, se considerou ser Jesus o instigador, se não era uma sublevação contra a igreja judaica — «igreja» tomada no sentido preciso sob o qual encaramos hoje o termo. Era uma sublevação contra «os bons e os justos», contra os «santos de Israel», contra a hierarquia social — *não* contra a corrupção desta, mas contra a casta, o privilégio, a ordem, a fórmula; era a *descrença* nos «homens superiores», o *não* declarado contra tudo que é padre e teólogo. Mas a hierarquia que desse modo, e fosse apenas por um instante, se via posta em questão, era a jangada a que o povo judeu, em pleno «bar», se agarrava ainda — a

última possibilidade, penosamente conquistada, de subsistir, o resíduo da sua existência à parte, politicamente falando: atacá-la era o instinto mais profundo, a vontade de vida mais arreigada que um povo jamais teve na terra. Esse santo anarquista que chamou o povo miúdo o rebotalho e os «pecadores», a *Tchandala* no seio do judaísmo, a contestar a ordem vigente — numa linguagem que, a podermos confiar nos Evangelhos, o teria, nos nossos dias, levado à Sibéria — era um criminoso político, se supusermos que eram possíveis os criminosos políticos numa comunidade *absurdamente apolítica*. Foi isso que o pregou na cruz: a prova é fornecida pela própria inscrição da cruz. Ele morreu pela *sua* culpa — não há qualquer razão para pretender, como tantas vezes o têm feito, que ele haja morrido pelas culpas de outrem.

28

Quanto a saber se ele chegou alguma vez a ter consciência de semelhante contradição — ou se não foi simplesmente *encarado* como sendo essa contradição: é uma questão completamente diversa. É aqui que pela primeira vez abordo o problema da *psicologia do redentor*. — Reconheço que poucos livros haverá que eu leia com tanta dificuldade como os Evangelhos. Tal dificuldade não é aquela que, posta em

evidência, permitiu à curiosidade sábia do espírito alemão festejar um dos seus mais memoráveis triunfos. Já vai longe o tempo em que também eu, como todos os jovens sábios, saboreava a obra do incomparável Strauss com a lentidão do filósofo requintado. Tinha eu nessa época vinte anos: agora sou demasiadamente sério para essas coisas. Que me importam as contradições da «tradição»? Não sei sequer como se pode chamar «tradição» a lendas de santos! Não há literatura mais equívoca que as vidas dos santos: quanto a aplicar-lhes o método científico, *quando não existe qualquer outra espécie de documentos*, parece-me trabalho condenado de antemão — simples divagação erudita.

29

O que me interessa é o tipo psicológico do redentor. Poderia muito bem estar nos Evangelhos, apesar dos Evangelhos, por muito mutilado ou sobrecarregado de traços estrangeiros que estivesse: tal como o de Francisco de Assis se conserva nas suas lendas apesar das suas lendas. Não a verdade sobre aquilo que ele fez, sobre aquilo que ele disse, sobre as circunstâncias exactas da sua morte: mas *se* o seu tipo é ainda imaginável, *se «se conserva pela tradição»*. — As tentativas que conheço para

decifrar nos próprios Evangelhos a *história* de uma «alma», parecem-me não passar de provas de uma detestável frivolidade psicológica. O senhor Renan, esse arrivista *in psychologis*, proveu a sua explicação do tipo Jesus com as duas mais *incongruentes* noções que se lhe possam aplicar: a noção de «génio» e a noção de «herói». Ora se existe alguma coisa estranha aos Evangelhos, é precisamente a noção de herói. Foi justamente o oposto a toda a luta, a toda a disposição belicosa, que ali se metamorfoseou em instinto: a incapacidade de resistir tornou-se moral («não resistas ao malvado!» é a mais profunda asserção do Evangelho, e de certo modo a sua chave), a felicidade na paz, na suavidade, no não-poder-ser-hostil. Que significa «boa nova»? A verdadeira vida, a vida eterna foi encontrada, — não a prometam, está aqui, está *em nós*: enquanto for a vida no amor, no amor sem reticências nem exclusivismos, sem distância. Todos são filhos de Deus — Jesus não reserva absolutamente nada apenas para ele —, como filho de Deus cada um é igual a cada qual... Fazer de Jesus um *herói*! — E que mal-entendido na palavra «génio»! Toda a nossa concepção cultural do «espírito» não tem, no mundo em que vive Jesus, sentido absolutamente nenhum. Na rigorosa linguagem do fisiólogo caberia melhor aqui uma palavra muito diferente: a palavra idiota. Conhecemos um estado de irritabilidade mórbida do *tacto*, o qual se retrai de

horror cada vez que é necessário focar, agarrar um corpo sólido. Que cada um traduza para si próprio um tal *habitus* fisiológico no final do seu processo lógico — como ódio instintivo por *qualquer* realidade, como fuga para o «inacessível», como repugnância por qualquer formulação, por qualquer noção de espaço e de tempo, por tudo o que é concreto, costumes, intuição, igreja, como ser-em-si num mundo que já não está em contacto com realidade alguma, um mundo que já não passa de «interior», um mundo «verdadeiro», um mundo «eterno»... «O reino de Deus está *em vós*»...

30

O ódio instintivo pela realidade: consequência de uma extrema aptidão para o sofrimento e a irritação, que já se não quer deixar «tocar» porque sente qualquer contacto como demasiadamente profundo.

A eliminação instintiva de toda a aversão, de toda a hostilidade, de todo o limite e de toda a distância no sentimento: consequência de uma extrema aptidão para o sofrimento e a irritação, que considera qualquer resistência, qualquer obrigação de resistência como sendo já um *desprazer* insuportável (ou seja, como sendo *nocivo*, como sendo *desaconselhado* pelo instinto de conservação) e só conhece a facilidade (o prazer) de já não opor qualquer resis-

tência, a nada, a ninguém, nem aos males nem ao mal — o amor considerado como sendo a única, a *última* possibilidade de vida...

Eis as duas *realidades fisiológicas* sobre as quais, a partir das quais, se desenvolveu a doutrina da redenção. Chamo-lhe um prolongamento sublime do hedonismo sobre uma base completamente mórbida. No seu mais próximo grau de parentesco, encontraremos o epicurismo, a doutrina pagã da redenção. Epicuro *décadent* * — tipo que eu fui o primeiro a reconhecer como tal. — O temor da dor, mesmo do infinitamente pequeno na dor — não *pode* acabar de outra maneira que não seja numa *religião do amor*...

31

Ja sei de antemão a minha resposta ao problema. Pressupõe ela que o tipo do redentor chegou até nós fortemente desfigurado. Em si, essa desfiguração não tem nada de inverosímil: um tipo desse género, por várias razões, não podia manter-se puro, íntegro, isento de aditamentos. Assim também o meio em que se movia esta estranha criatura, e ainda mais, a história, o destino da primeira comunidade cristã, devem ter deixado sobre ele vários traços: daí advém, retroactivamente, ter sido

o tipo enriquecido com traços que unicamente se podem explicar pela guerra e os fins de propaganda. Esse mundo bizarro e doente em que os Evangelhos nos introduzem — um mundo que se diria saído de um romance russo, onde o rebotalho da sociedade, neurose e idiotia «infantil» parecem ter marcado encontro — deve, em qualquer caso, ter *vulgarizado* o tipo: os discípulos, principalmente os primeiros, começaram por transcrever na sua crueza própria uma forma de ser nadando por entre os símbolos e as coisas incompreensíveis, a fim de começarem a compreender alguma coisa no meio de tudo aquilo, — para eles, o tipo só teria *existência* depois de moldado em formas mais conhecidas... O Profeta, o Messias, o Juiz futuro, o professor de moral, o fazedor de milagres, João Baptista — tantas outras ocasiões para desfigurar o tipo... Não subestimemos enfim o *proprium* de toda e qualquer grande veneração, principalmente quando é sectária: apaga do ser venerado a totalidade das idiosincrasias e dos traços originais, por vezes de uma estranheza penosa — *ela própria os não vê*. Devemos lamentar que um Dostoiewski, quero dizer, alguém capaz de sentir na total profundidade precisamente o que existe de comvente numa tal mistura de sublime, de doentio e de infantil, não tenha vivido nas vizinhanças do mais interessante dos *décadents**. Um último ponto de vista: o tipo *poderia* efec-

tivamente, como tipo da *décadence* *, ter sido de natureza singularmente diversa e contraditória: não devemos excluir essa possibilidade em absoluto. No entanto, tudo nos afasta dela: eis precisamente o caso em que a tradição se deveria ter mostrado particularmente fiel e objectiva: por isso temos centenas de razões para pensarmos o contrário. Para começar, há uma enorme contradição entre pregador das montanhas, dos lagos e dos campos, cuja silhueta é a de um Buda em terreno muito pouco indu, e esse fanático da agressão, esse inimigo jurado dos teólogos e dos padres, que a malícia de Renan celebrou como o «*grand maître en ironie*» *. Eu próprio não duvido por um só instante que foi do estado de excitação da propaganda cristã que transbordou sobre o tipo do mestre a abundante quantidade de fel (e até de *esprit* *): todos sabemos perfeitamente que os sectários se não embaraçam com escrúpulos quando se trata de fabricar a sua *apologia* a expensas do seu mestre. Quando a primeira comunidade cristã sentiu necessidade de um teólogo justiceiro, querelento, gritador, perversamente subtil, *contra* os teólogos, criou o seu Deus segundo as suas necessidades: e da mesma forma lhe pôs também na boca, sem hesitação, essas noções absolutamente estranhas aos Evangelhos sem as quais não podia já passar: «advento», «juízo final», todas as formas de espera e de promessa temporal.

Uma vez ainda, recuso-me a admitir que ponham o fanatismo à conta do redentor: só por si, a palavra «*impérieux*» *, utilizada por Renan, chega para *anular* o tipo. A «boa nova» consiste precisamente em já não existirem antagonismos; o reino dos céus pertence às *crianças*: a crença que aqui se exprime não é uma crença que se teve de conquistar — ela existe, está ali desde o início, é uma espécie de estado de infância que se refugiou no espiritual. Os fisiólogos, esses, conhecem perfeitamente o caso da puberdade retardada e mal desenvolvida no organismo, como companheira da degenerescência. — Uma crença assim não ralha, não acusa, não se defende: não traz consigo o «gládio» — não faz a menor ideia da divisão que poderia vir um dia a provocar. Não é provada, nem por milagre, nem por recompensa e promessa, muito menos «pela escritura»: é ela própria, e a cada instante, o seu milagre, a sua recompensa, a sua prova, o seu «reino de Deus». Uma crença assim também se não formula — ela *vive*, recusa as formulações. É claro que o acaso do ambiente, da língua e da formação, delimita um certo grupo de conceitos: o primeiro cristianismo apenas manipula conceitos judaico-semíticos (— beber e comer à comunhão está entre eles, esse conceito que a Igreja tratou tão mal, como tudo o que é judeu). Mas haverá o cuidado

de não ver nisso mais do que um discurso por sinais, uma semiótica⁸, um pretexto para parábolas. É precisamente o facto de nenhuma palavra ser tomada à letra que constitui para este anti-realista a condição que, muito simplesmente, lhe permite falar. Entre os Indus teria ele utilizado conceitos Sânkhyan, entre os Chineses os de Lao-Tseu — sem qualquer sentido das diferenças. Poder-se-ia, usando de uma certa tolerância na expressão, chamar a Jesus um «espírito livre» — o que é concreto deixa-o indiferente: a letra *mata*, o concreto *mata*. Nele, o conceito, a *experiência* «vida», a única que conhece, é refractária a qualquer espécie de palavra, de fórmula, de lei, de crença, de dogma. Ele fala unicamente do que há de mais íntimo: «vida» ou «verdade» ou «luz» é a sua palavra para o que há de mais íntimo — todo o resto, a realidade inteira, a natureza inteira, a própria linguagem, não tem para ele outro valor que não seja o de um sinal, de uma parábola — é principalmente aqui que nos não devemos enganar, por maior que seja a sedução emanada do pressuposto cristão, isto é *de igreja*: um tal simbolista *par excellence** situa-se à parte de qualquer religião, qualquer noção de culto, qualquer ciência histórica, qualquer ciência natural, qualquer expe-

* Modo de fazer manobrar as tropas por meio de sinais.

riência do mundo, qualquer conhecimento, qualquer política, qualquer psicologia, qualquer livro, qualquer arte — a sua «ciência» é justamente a *ignorância pura* perante o *facto* de haver semelhante coisa. A *cultura*, não a conhece nem sequer por ouvir falar, não precisa de a combater — não a nega... O mesmo acontece em relação ao *estado*, à ordem civil e sociedade, ao *trabalho*, à guerra — nunca teve o menor conhecimento de um conceito de igreja «mundo»... É completamente incapaz de *negar*. — Falta-lhe igualmente a dialéctica; falta-lhe a ideia de que uma crença, uma «verdade», pudesse ser provada por razões (— as *suas* provas são «iluminações» interiores, deleites e ênfases interiores, outras tantas «provas pela força» —). Uma tal doutrina não *pode* pois suportar contradição: ela não entende de modo algum que haja, que *possam* haver doutrinas, é absolutamente incapaz de imaginar um julgamento contrário... Sempre que encontra um, a sua mais íntima simpatia fá-la-á deplorar aquela «cegueira» — pois que ela própria vê a «luz» — mas não levantará qualquer objecção...

33

De toda a psicologia do «Evangelho» está ausente a noção de falta e punição; e também a noção de recompensa. O «pecado», uma certa

relação de distância entre Deus e o homem, foi abolido — a «boa nova» é precisamente isso. A beatitude não é prometida, não está dependente de condições: ela é a *única* realidade — o resto é sinal que dela fala...

A *consequência* de um tal estado projecta-se numa nova *prática*, a prática propriamente evangélica. Não é uma «crença» que distingue o cristão: o cristão age, distingue-se por uma *outra* forma de acção. A de não opôr qualquer resistência, nem pela palavra nem no seu coração, àquele que lhe faz mal. A de não fazer diferenciação entre o indígena e o estrangeiro, entre o Judeu e o não-Judeu («o próximo», o correligionário para falarmos com propriedade, o Judeu). A de se não zangar com ninguém, de não rebaixar ninguém. A de se não deixar ver nem citar nos tribunais («não jurar»). A de em caso algum, mesmo o de adultério comprovado da mulher, repudiar a esposa. — No fundo tudo se cinge a *um* princípio, tudo é consequência de um instinto.

A vida do redentor nada mais foi que *essa* prática — a sua morte nada mais foi também que ela... Não necessitava já de qualquer fórmula ou qualquer rito nas suas relações com Deus — nem sequer a oração. Liquidou as contas de toda a doutrina judaica da penitência e da reconciliação; reconhece que é unicamente a *prática* da vida que permite o sentir-se «divino», «bem aventurado», «evangélico», sentir-se a cada instante «filho de Deus». *Nem* a «peni-

tência», *nem* a «prece pela remissão» constituem caminhos para Deus: só a prática *evangélica* conduz a Deus; ela, justamente, é «Deus»! — O que *já não estava em circulação* depois do Evangelho, era o judaísmo das noções de «pecado», «remissão dos pecados», «fé», «redenção pela fé» — toda a totalidade dos ensinamentos da *igreja judaica* era negada na «boa nova».

O profundo instinto do modo como se deve *viver* para o homem se sentir «no céu», para se sentir «eterno», enquanto que qualquer outro comportamento o *impede* de se sentir «no céu»: é essa a única realidade psicológica da «redenção». — Uma conduta nova, *não* uma nova crença...

34

Se acaso consigo compreender alguma coisa desse grande simbolista é, segundo creio, que ele apenas tomava como realidades, como «verdades», realidades *interiores* — que tudo o resto, o que é natural, temporal, espacial, histórico, ele o considerava simplesmente como sinal, como pretexto para parábolas. A noção de «Filho do homem» não é uma pessoa concreta, que pertença à história, algo de singular, de único, mas um dado «eterno», um símbolo psicológico liberto da noção de tempo. E isto é válido também, e no sentido mais elevado,

para o *Deus* deste simbolista-tipo, para o «reino de Deus», para o «reino dos céus», para a «filiação divina». Nada há de menos cristão do que as *cruezas de uma igreja* para com o seu Deus-pessoa, o seu «reino de Deus», *que há-de vir*, o seu «reino dos céus» *no além*, o seu «filho de Deus» *segunda pessoa* da Trindade. Tudo isto não passa — não-de perdoar-me a imagem — de uma coroa na cabeça — oh, e que cabeça! — do Evangelho: um *cinismo histórico-universal* no ridicularizar do símbolo... Mas aquilo que se aborda com o sinal «pai» e «filho» entra pelos olhos dentro — não de toda a gente, concedo: com a palavra «filho» exprime-se a *entrada* no sentimento de total transfiguração de todas as coisas (a beatitude), com a palavra «pai» *esse próprio sentimento*, o sentimento de eternidade, de realização. — Envergonha-me recordar o que a Igreja fez desse simbolismo: não colocou ela uma história de Anfitrião no vestíbulo da «fé» cristã? E, ainda por cima, um dogma da «imaculada concepção»?... *O que ela deste modo conseguiu foi macular a concepção.*

O «reino dos céus» é um estado da alma — não qualquer coisa que sucede «para além da terra» ou «depois da morte». A ideia de morte natural é completamente arredia do Evangelho: a morte não é uma ponte, uma passagem, ela falta porque faz parte de um mundo completamente diferente, de simples aparência, de uma utilidade simplesmente simbólica. «A hora da morte» *não* é uma

noção cristã — «a hora», o tempo, a vida física e as suas crises não têm a mínima existência para aquele que ensina a «boa nova»... O «reino de Deus» não é uma coisa que se espere; não tem ontem nem depois de amanhã, não vem daqui a «mil anos» — é algo sentido por um coração; está em toda a parte, não está em parte alguma...

35

Este «alegre mensageiro» morreu como viveu, como *ensinou* — não para «resgatar os homens», mas para mostrar como se deve viver. O que legou à humanidade, foi a *prática*: o seu comportamento diante dos juizes, dos esbirros, dos acusadores, das calúnias e insultos de toda a espécie — o seu comportamento sobre a *cruz*. Ele não resiste, não defende o seu direito, não faz um gesto para desviar de si o fim, muito pelo contrário, *provoca-o*. E suplica, sofre, ama *com* aqueles, *por* aqueles que lhe fazem mal. Todo o Evangelho se contém nas palavras que, sobre a cruz, ele dirige ao *ladrão*. «Em verdade, este era um homem *divino*, um filho de Deus!» — Diz o ladrão. «Se sentes isso — responde o redentor — *então estás no paraíso*, és um filho de Deus». Não se defender, não discutir, não tornar responsável... Mas também não resistir ao mau — amá-lo...

Somos nós, os espíritos *libertados*, que nos encontramos nas condições requeridas para compreender — estamos providos dessa rectidão, daqui em diante nosso instinto e nossa paixão, que declara a guerra à «mentira sagrada» antes que a qualquer outra mentira... Estavam indizivelmente longe da nossa apaixonada e previdente neutralidade, desta disciplina do espírito sem a qual se não pode penetrar no segredo de coisas tão longínquas, tão delicadas: estavam escandalosamente preocupados consigo próprios, o que a todo o instante pretendiam era encontrar o *seu* interesse, e construíram a *Igreja* com o oposto do Evangelho...

Para aquele que pretendesse encontrar indícios de que por trás da grande comédia do mundo, quem puxa pelos cordéis é uma divindade irónica, não seria pequeno contributo esse desmedido *ponto de interrogação* chamado cristianismo. Ver a humanidade de joelhos perante o oposto de que foi a origem, o sentido, o *direito* do Evangelho; ter ela, na noção «de Igreja», santificado precisamente o que o «alegre mensageiro» considerava *abaixo* de si, *atrás* de si — em vão procuraríamos uma maior *ironia da história universal*.

A nossa época orgulha-se do seu sentido histórico: como lhe foi então possível persuadir-se da inépcia de que o cristianismo começa com a *grosseira fábula do redentor e fazedor de milagres* — e que todo o espiritual e o simbólico não passa de uma evolução ulterior? Muito pelo contrário: a história do cristianismo — aquela que começa com a morte sobre a cruz — é a história da incompreensão, a cada passo mais grosseira, de um simbolismo *original*. De cada vez que o cristianismo se estendeu sobre massas ainda mais numerosas, ainda mais incultas, cada vez menos providas das disposições que lhe tinham permitido nascer, tornou-se mais necessário *vulgarizar, barbarizar* o cristianismo — doutrinas e ritos de todos os cultos *subterrâneos do Imperium Romanum*, aberração de todas as espécies de razão doente, nada há que ele não tenha ingurgitado. O destino do cristianismo baseia-se na necessidade em que a sua crença se encontrava de se tornar ela própria tão doente, tão vil e vulgar, como eram doentes, vis e vulgares as necessidades que estava encarregada de satisfazer. Como Igreja, é finalmente a própria *barbárie doente* que se concentrou em potência — a Igreja, essa mortal animosidade contra qualquer rectidão, qualquer grandeza de alma, qualquer disciplina do espírito, qualquer humanidade sem prevenção

e sem ódio. — Os valores *cristãos*, os valores *nobres*: fomos nós, nós os espíritos *libertados*, que restabelecemos esse supremo antagonismo dos valores.

38

— Nesta altura não posso reprimir um suspiro. Há dias em que me assedia um sentimento mais negro que a mais negra melancolia — o *desprezo pelos homens*. E para não deixar qualquer dúvida a este respeito, o *quê* e *quem* desprezo: é o homem de hoje, o homem de quem por fatalidade sou contemporâneo. O homem de hoje — sufoco com o seu mau hálito... Como todos aqueles que progridem no conhecimento, sou de uma extrema tolerância para com o passado, quero dizer que me imponho uma coacção *magnânima*: atravesso a loucura de milénios inteiros e, quer ela se chame «cristianismo», «fé cristã», ou «igreja cristã», com uma sombria precaução — livro-me de considerar a humanidade responsável pelas suas doenças mentais. Mas a minha sensibilidade revolve-se, entra em erupção, assim que penetro na época recente, na *nossa* época. A *nossa* época é *consciente*... O que outrora era apenas doença, é hoje indecoroso — é indecente, hoje, ser cristão. *E é daí que vem a náusea*. — Olho em meu redor: não resta uma só palavra do que outrora se chamava «verdade», bastou que a palavra «ver-

dade» tenha estado nos lábios de um padre e já, para nós, isso ultrapassa o suportável. Mesmo com as mais modestas pretensões de recidência deve, hoje em dia, saber-se que um teólogo, um padre, um papa, a cada frase que pronuncia não somente se engana mas que *mente* — que ele não tem já a liberdade de mentir por «inocência», por «ignorância». Como todos o sabem, também o padre sabe que já não há «Deus», nem «pecador», nem «redentor» — que o «livre arbítrio», a «moralidade da ordem universal» são *mentiras* — a seriedade, o domínio do espírito até ao fundo de si próprio, já não *permite* a quem quer que seja *ignorar* esse saber... *Todos* os conceitos da Igreja foram reconhecidos por aquilo que são, a moeda falsa mais perversa que é possível, existindo com o único fim de *desvalorizar* a natureza, os valores naturais; o padre foi reconhecido por aquilo que é, a mais perigosa espécie de parasita, a verdadeira aranha venenosa da vida... Sabemos, sabe-o hoje a nossa consciência, *o que valem, para que serviram*, essas invenções alucinantes dos padres e da Igreja graças às quais se chegou a este estado de poluição da humanidade por si própria, cujo aspecto chega a ser repugnante — as noções de «além», de «julgamento final», de «imortalidade da alma», da própria «alma», são instrumentos de tortura, são sistemas de crueldade graças aos quais o padre conquistou e depois manteve o seu poder... Não há ninguém

que o não saiba: e apesar disso nada mudou. Para onde foi então o último sentimento de decência, de respeito por si próprio, quando os nossos homens de Estado, espécie habitualmente desenvolta, de ponta a ponta anti-cristos em acção, quando até esses se dizem cristãos e os vemos ir à comunhão?... Um jovem príncipe^o à frente dos seus regimentos, esplêndida expressão de egoísmo e presunção do seu povo — mas, *sem* o menor pudor, declarando-se cristão!... Ora, que nega afinal o cristianismo? a que chama ele «mundo»? O facto de ser soldado, juiz, patriota; o facto de se defender; de ter a paixão da sua honra; de procurar vantagens; o *orgulho*... Qualquer prática habitual, qualquer instinto, qualquer estimativa de valor traduzida em *acto*, tudo isso é hoje anti-cristão: e que *aborto de falsidade* deve ser o homem moderno para não ter vergonha constante de lhe chamarem cristão!

39

— Volto atrás, como a *verdadeira* história do cristianismo. — Logo a própria expressão «cristianismo» é um mal entendido —, apenas existiu um cristão, e esse morreu na cruz. O «Evangelho» *morreu* na cruz. Aquilo a que,

^o Alusão ao Imperador Guilherme II que subiu ao trono em 1888.

desde então, se chama «Evangelho», era já o oposto do que *ele* tinha vivido: uma «*má nova*», um «*Dysangelium*». É falso até à insensatez ver numa crença, ou seja na crença da redenção pelo Cristo, a marca distintiva do cristão: a *prática* cristã, uma vida como a *viveu* aquele que morreu na cruz, apenas isso é cristão... Uma tal vida é, hoje ainda, possível, e para *alguns* necessária: o cristianismo autêntico, o cristianismo primitivo, será possível em não importa qual época... Não uma crença, mas um fazer, acima de tudo muitas coisas a *não* fazer, um modo diferente de *ser*... Estados de consciência, uma qualquer crença, por exemplo um tomar-por-verdadeiro — qualquer psicólogo o sabe — isso é perfeitamente indiferente e de quinta ordem relativamente ao valor dos instintos: para falar mais rigorosamente, toda a concepção de causalidade espiritual é falsa. Reduzir o cristão, reduzir a vida cristã a um tomar-por-verdadeiro, a um simples fenomenalismo de consciência, é negar o facto cristão. *Na realidade nunca houve cristão absolutamente algum.* O «cristão», o que é chamado cristão há dois mil anos, não é mais que um desconhecimento psicológico de si próprio. Se o encararmos de mais perto, o que dominava nele, *a despeito* de toda a «fé», eram *simplesmente* os instintos — e *que instintos!* — A «fé», em Lutero, por exemplo, não passou em todos os tempos de uma aparência, um pretexto, um *biombo* atrás do qual os instintos represen-

tavam o seu papel —, uma engenhosa *cegueira* perante a predominância de *certos* instintos... A «fé» — já lhe chamei a verdadeira *habilidade* cristã —, sempre se *falou* de «fé»; no entanto, *agia-se* sempre por instinto... No mundo mental do cristão nada se passa que pudesse, mesmo de longe, aflorar a realidade: em contrapartida, foi no ódio instintivo *contra* qualquer realidade que reconhecemos o impulso, a própria seiva na raiz do cristianismo. Que resulta daí? Que, também *in psychologis*, o ero é aqui *radical*, ou seja, determinante da essência, ou seja, *substância*. Retire-se *uma* destas abstracções, ponha-se em seu lugar uma só realidade — e todo o cristianismo se precipita no nada! — Visto de cima, este facto, dos mais estranhos, uma religião que não é simplesmente determinada por erros, mas engenhosa e até genial *unicamente* nos erros perniciosos, *unicamente* nos erros que envenenam a vida e o coração, resulta num *espectáculo para os deuses* — para as divindades que são também filósofos e que eu tive ocasião de encontrar, especialmente nas famosas conversações de Naxos¹⁰. No instante em que a *náusea* delas se afasta (*e de nós!*), mostram-se reconhecidas pelo espectáculo do

¹⁰ «Para além do bem e do mal», aforismo 295: «O simples facto de Dionísio ser um filósofo, e que pois também os deuses filosofam, me parece ser uma novidade...»

cristão: o miserável pequeno planeta que se chama terra merece talvez, por *esta* única curiosidade, um olhar divino, uma participação divina... Porque a verdade é que não devemos subestimar o cristão: falso como é *até à inocência*, o cristão está muito acima do macaco — uma certa teoria das origens bem conhecida parece, quando aplicada aos cristãos, uma simples galanteria...

40

— Com a morte se decidiu o destino fatal do Evangelho — esse destino suspenso da «cruz»... Era necessária a morte, essa morte inesperada e ignominiosa, era necessária a cruz, que era em geral reservada apenas à canalha — foi necessário esse paradoxo dos mais horríveis para pôr os discípulos frente a frente com o verdadeiro mistério: «*mas quem era? mas o que era?*» — A sensibilidade transtornada e ferida no mais profundo do seu ser, a suspeita de que uma tal morte poderia muito bem ser a *refutação* da causa, o terrível ponto de interrogação «*mas porquê deste modo?*» — demasiadamente bem se compreende um estado semelhante. Tudo ali *devia* ser necessário, ter um discípulo não conhece acasos. E eis que se abria a falha: «*quem o matou? quem era o seu inimigo natural?*» — esta questão brotou como um relâmpago. Resposta: o judaísmo rei-

nante, a classe alta judaica. Sentiram-se no mesmo instante em revolta *contra* a ordem e, do mesmo passo, consideraram Jesus *em revolta contra a ordem*. Até aí, esse traço belicoso, esse traço negador na palavra e na acção, *faltava* à sua imagem; mais ainda, era o seu desmentido. É evidente que foi o essencial que a pequena comunidade *não* compreendeu, o que há de exemplar nesta maneira de morrer, a liberdade, a superioridade sobre qualquer movimento de *ressentiment* *: — um indício como este demonstra quão pequena era a compreensão que dele tinham! Em si, Jesus não poderia pretender com a sua morte outra coisa que não fosse dar públicamente o mais forte testemunho, a *prova* do seu ensinamento... Mas os seus discípulos estavam muito longe de *perdoar* essa morte — o que teria sido altamente evangélico; ou mesmo de se *oferecerem* a uma morte semelhante numa amável e suave tranquilidade de coração... Foi justamente o sentimento menos evangélico, a *vingança*, que veio à superfície. Era impossível aceitar que aquela morte pusesse fim à causa: era necessária «reparação», «processo» (— e no entanto que poderá haver de menos evangélico que «reparação», «castigo», «montar o processo»!) Foi a esperança popular num Messias que voltou ao primeiro plano; concebeu-se o projecto de um momento histórico; o «reino de Deus» levanta o processo aos seus inimigos... Nada há que, desde então, não seja mal entendido;

o «reino de Deus» dado como finalidade, como promessa! Ora o Evangelho fora justamente a presença, a realização, a *realidade* desse «reino». Ora tal morte *era*, justamente, esse «reino de Deus». Chegara o momento de pôr à conta do mestre todo o desprezo e todo o fel contra os fariseus e os teólogos — e assim se *fazia* dele um fariseu e um teólogo! Por outro lado, a furiosa veneração dessas almas desenfreadas não podia suportar durante muito mais tempo o famoso direito evangélico de todo o homem à filiação divina, que Jesus tinha ensinado, e a sua vingança foi *exaltar* Jesus exageradamente, separá-lo deles: tal como os Judeus se tinham, para se vingarem dos seus inimigos, separado outrora do seu Deus e o haviam erguido até às nuvens. Este Deus *único* e este *único* filho de Deus: um e outro produtos do *ressentiment* *.

41

— E desde esse instante surgiu um problema absurdo: «como *podia* Deus tolerar tal facto!» A desordenada razão da pequena comunidade encontrou para essa questão uma resposta de um absurdo perfeitamente assustador: Deus deu o seu filho para remissão dos pecados, *em sacrifício*. Quão fàcilmente se destruía o Evangelho! O *sacrifício de reparação*, e na sua forma mais repugnante, mais bárbara, o sacrifício do

inocente pelas faltas dos culpados! Que horrível paganismo! — No entanto, Jesus tinha abolido até mesmo a noção de «culpabilidade» — negou que qualquer distância separasse Deus do homem, *viveu* essa unidade de Deus e do homem como a sua «boa nova»!... E *não* como um privilégio! — Desde esse instante, vemos introduzirem-se progressivamente no tipo do redentor: a doutrina do juízo final e do advento, a doutrina da morte como sacrifício, a doutrina da *ressurreição* com a qual toda a concepção da «beatitude», simples e única realidade do Evangelho, se vê escamoteada — em proveito de um estado *após* a morte!... Esta concepção, *obscuridade* de concepção, Paulo, com a célebre impudência de rabino que em tudo o distingue, sistematizou-a até este ponto: «Se Cristo não ressuscitou de entre os mortos, então a nossa fé é vã» — e, súbitamente, o Evangelho tornou-se a mais ignóbil das promessas ocas, a *descarada* doutrina da imortalidade da pessoa... E o mesmo Paulo teve ainda o descaro de a apresentar como uma *recompensa*!...

42

Vê-se agora o *que* chegava ao fim com a morte na cruz: um esboço novo, completamente original, de pacifismo búdico, de *felici-*

*dade sobre a terra efectiva, não apenas prometida. Porque é aí que reside — já atrás o sublinhei — a diferença fundamental entre as duas religiões da *décadence* *: o budismo não promete, assegura, o cristianismo promete tudo, mas não *assegura nada*. — A «boa nova» sucedeu-se imediatamente *a pior de todas*: a de Paulo. É em Paulo que se incarna o tipo oposto ao «alegre mensageiro», o génio no ódio, numa visão de ódio, na lógica sem piedade de ódio. *Que não sacrificou ao ódio este Dysangelista?* Primeiro que tudo sacrificou o redentor: pregou-o em cima da *sua cruz*. A vida, o exemplo, o ensinamento, a morte, o sentido e o direito de todo o Evangelho — já nada existia quando este falsário por ódio se apoderou da única coisa que lhe podia servir. *Não a realidade, não a verdade histórica!*... E o instinto sacerdotal do Judeu cometeu uma vez ainda o mesmo grande crime contra a história — o ontem e o anteontem do cristianismo, suprimiu-os ele pura e simplesmente, *criou para seu uso uma história do primeiro cristianismo*. Melhor ainda: falsificou uma vez mais a história de Israel para que ela se apresentasse como pré-história do *seu* acto: todos os profetas anunciaram o *seu* «redentor»... A Igreja, por sua vez, falsificou até a história da humanidade tornando-a pré-história do cristianismo... O tipo do redentor, o ensinamento, a prática, a morte, o sentido da morte e*

até o que se seguiu à morte — nada foi poupado, nada manteve um ar que fosse de realidade. Paulo contentou-se com o deslocar a gravidade de toda esta existência *para trás* desta existência — na *mentira* do Cristo «ressuscitado». No fundo, a vida do redentor não podia ter para ele qualquer utilidade — era-lhe necessária a morte na cruz e alguma coisa mais... Tomar por honesto um Paulo que tinha a sua pátria no centro do estoicismo iluminado, quando ele serve de uma alucinação para compor a *prova* da sobrevivência do redentor, ou dar simplesmente crédito à sua história, acreditar que ele teve essa alucinação, seria uma bela *niaiserie* * vindo da parte de um psicólogo: Paulo queria o fim, *portanto* queria também os meios... Aquilo em que ele não acreditava, acreditaram-no os idiotas por entre os quais ele lançou a *sua* doutrina. — A *sua* necessidade, era o poder; era o padre que, com Paulo, continuava a querer mal ao poder — ele só podia recorrer a ideias, a doutrinas, a símbolos com os quais se tiranizam as massas, se formam rebanhos. *Qual* foi, mais tarde, a única coisa que Maomé pediu de empréstimo ao cristianismo? O achado de Paulo, a sua técnica de arrebanhamento: a crença na imortalidade — *ou seja a doutrina do «juízo final»*

Quando se coloca o peso da vida *não* na vida, mas no além — no *nada* —, o que se fez foi simplesmente privar a vida da sua gravidade. A grande mentira da imortalidade da pessoa destrói toda a razão, todo o natural no instinto — tudo o que o instinto tem de benéfico, de vivificante, de determinante para o futuro, só suscita, daí em diante, desconfiança. Viver de *tal* maneira que viver já não tem qualquer *sentido*, é isso que se vai tornar o «sentido» da vida... Para quê o sentido comunitário, para quê o reconhecimento pela origem e pelos antepassados, para quê colaborar, confiar, favorecer e pretender um qualquer bem geral?... Tantas outras «tentações», tantas outras diversões que afastam do «bom caminho» — «*uma coisa é necessária*»... Quando cada um, encarado como «alma imortal», ocupa o mesmo lugar em qualquer outro, quando na totalidade dos seres a «salvação» de um *qualquer* pode reivindicar uma importância eterna, quando pequenos papa-hóstias, quase completamente desequilibrados, podem imaginar que as leis da natureza são, em seu favor, constantemente *transgredidas* — não há desprezo suficiente para estigmatizar uma tal exaltação, elevada até ao infinito, até à infâmia, do egoísmo sob todas as suas formas. E, no entanto, é a *essa* desprezível bajulação em redor da fatuidade da pessoa que o cristianismo deve o seu *triunfo* — tudo o que é imperfeito,

de espírito rebelde, mal distribuído, a lama e a baba da humanidade, eis o que se conseguiu deste modo subjugar. A «salvação da alma» — por outras palavras: «o mundo gravita em redor de *mim*»... O veneno da doutrina «direitos *iguais* para todos» — ninguém jamais semeou de modo tão sistemático como o cristianismo; dos mais secretos recantos dos maus instintos, lançou o cristianismo uma guerra de morte contra todo o sentimento de respeito e de distância entre um homem e outro, quer dizer, contra a *condição prévia* de toda a elevação, de todo o crescimento da cultura — forjou com o *ressentiment* * das massas a sua *arma principal* contra nós, contra tudo o que há de nobre, de alegre, de magnânimo sobre a terra, contra a nossa felicidade sobre a terra... A «imortalidade» concedida a Pedro e a Paulo é, até este dia, o maior atentado, o mais perverso, contra a humanidade *nobre*. — E não subestimemos a fatalidade que, partindo do cristianismo, se insinuou até mesmo na política! Ninguém tem hoje a audácia dos direitos particulares, dos direitos senhoriais, de um sentimento de respeito por si próprio e pelos seus pares — a coragem de um *sentido da distância*... A nossa política está *enferma* desta falta de coragem! — A mentalidade aristocrática foi minada até ao mais profundo de si própria pela mentira da igualdade das almas; e se a crença na «prerrogativa da maioria» faz e *fará* revolução — é o

cristianismo, não devemos duvidá-lo, são os juízos de valor *cristãos* que qualquer revolução vem transformar em sangue e crime! O cristianismo é uma insurreição do que rasteja contra o que tem *elevação*: o Evangelho dos «pequenos» torna baixo...

44

— Os Evangelhos são inestimáveis como documento sobre a gangrena que grassava, já luxuriante, *no interior* da primeira comunidade cristã. Aquilo que Paulo, com o cinismo lógico do rabino, conduziu mais tarde até ao seu termo, não passava no entanto do processo de decomposição que começou com a morte do redentor. — Nunca será demasiado toda a prudência que se tenha ao ler os Evangelhos; atrás de cada palavra se acoitam dificuldades. Confesso, e creio que ninguém mo levará a mal, que é essa mesma razão que os torna um prazer de primeira ordem para os psicólogos — como sendo o *oposto* de toda a perversidade ingénua, a sublimação *par excellence* *, o virtuosismo na perversão psicológica. Os Evangelhos são um caso à parte. A Bíblia, em geral, não tem nada que se lhe compare. Estamos entre Judeus: *primeiro* ponto de apoio para quem não queira perder de todo o fio à meada. Elevada aqui até ao genial, essa transposição de si para «sagrado», nunca antes tentada entre os livros e entre os homens,

essa moeda falsa da palavra e do gesto como arte, não é a resultante do acaso de uma qualquer natureza excepcional, de um qualquer talento isolado. Para tal é necessária *raça*. No cristianismo, encarado como arte de mentira sagrada, é todo o judaísmo, é uma aprendizagem, uma secular técnica judaica, arqui-séria, que alcança aqui a sua mais alta perfeição. O cristão, essa *ultima ratio* da mentira, é ainda uma vez o Judeu — *ainda três vezes até...* A vontade por princípio de apenas aplicar as noções, os símbolos e as atitudes que já deram as suas provas na prática sacerdotal, a instintiva recusa de qualquer *outra* prática, de qualquer *outra* perspectiva de valor e de utilidade — eis o que não é apenas tradição, mas *herança*: e é somente como herança que ela se pode arrogar direito natural. Toda a humanidade, até os melhores cérebros nas melhores épocas (com excepção de um único, que não passará talvez de um monstro), se deixaram enganar. Leu-se o Evangelho considerando-o o *livro da inocência...* o que não é dos melhores índices do virtuosismo com que esses histriões agiram. Evidentemente, se nós pudéssemos *vê-los*, ainda que fosse de passagem, todos esses curiosos beatos, esses curiosos bons apóstolos, tudo estaria então acabado — e é exactamente por essa razão que eu, incapaz de ler uma palavra sem logo pensar no gesto que lhe é próprio, *acabo com eles...* Não

consigo suportar um certo jeito que têm de pôr os olhos em alvo. — Felizmente que, na sua maior parte, os livros são simplesmente *literatura*. — Mas é impossível deixarmo-nos enganar: «Não julgueis!» dizem eles, mas mandam para o inferno tudo o que se lhes depara no caminho. Enquanto deixam Deus julgar, são eles que julgam; enquanto magnificam Deus, é a si próprios que magnificam; enquanto tornam uma *exigência* as virtudes que lhes estão ao alcance — melhor: que necessitam para se poderem manter à tona de água —, enfeitam-se com todo o aparato de uma luta pela virtude, de um combate pelo reino da virtude. «Nós vivemos, morremos, sacrificamo-nos *pelo bem*». (— «A verdade», «a luz», «o reino de Deus»): na realidade limitam-se a fazer o que não podem deixar de fazer. Enquanto vão desfilando como outras tantas galinhas chocas, enquanto se anicham pelos cantos e vegetam na sombra como fantasmas, apresentam isso como um *dever*: a sua vida de humildade tem toda a aparência do dever, porque é humilde, é uma prova suplementar de devoção... Ah essa humilde e pudica e misericordiosa hipocrisia! «A própria virtude dará testemunho de nós»... Devemos ler os Evangelhos como livros de sedução pela moral: essa gatinha requisitou a moral — sabiam perfeitamente o que a moral representa! O melhor meio para levar a humanidade *pela ponta do nariz*, eis a moral! — A rea-

lidade é que temos aqui a mais consciente das *pretensões a eleito* armada em modesta: puseram-se de uma vez para sempre, a *si próprios* e à «comunidade», aos «bons» e «justos», num campo, o da «verdade» — e o resto, o «mundo», puseram-no no outro. Eis o tipo de mania das grandezas, das mais funestas que têm existido ao cimo da terra: medíocres rústicos, santarrões e mentirosos, começaram a monopolizar as noções de «deus», «verdade», «luz», «espírito», «amor», «sabedoria», «vida», praticamente como se fossem sinónimos das suas pessoas; para traçarem um limite entre eles e o mundo, medíocres judeus superlativos, a que todos os tipos de asilo haviam amadurecido, chamaram a *si* os valores, como se apenas o «cristão» fosse o sentido, o sal, a medida, enfim, o *juízo final* da totalidade restante... Para que fosse possível toda esta calamidade era necessário que existisse já nalgum lado um tipo de mania das grandezas aparentada, parente pelo lado da raça, a *judaica*: assim que se abriu o abismo entre Judeus e Judeus-cristãos, deixou imediatamente de haver possibilidade de escolha, tornou-se imprescindível aplicar os mesmos processos de conservação que o instinto judeu aconselhava, mas desta feita *contra* os próprios Judeus, ainda que os Judeus o não tivessem jamais aplicado senão contra o elemento *não-judeu*. O cristão não passa de um Judeu de confissão «*mais liberal*».

— Apresento agora alguns exemplos do que essa gentinha meteu na cabeça, do que eles *puseram na boca* do seu mestre: profissões de «beleza de alma».

«Se nalguma cidade não vos receberem nem vos ouvirem, ao sair dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo: no dia do julgamento, o país de Sodoma e Gomorra não será tratado com tanto rigor como essa cidade» (Marcos 6,11). — Quão *evangélico!*...

«Mas, se alguém escandalizar um destes pequeninos crentes, melhor fora que lhe pendurassem ao pescoço uma grande pedra de moinho e fosse lançado ao mar» (Marcos 9,42). — Quão *evangélico!*...

«E se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois, seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga» (Marcos 9,47). — Não é de modo algum do olho que se trata...

«Em verdade vos digo que, dos que aqui se encontram, alguns há que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam chegado com poder o reino de Deus» (Marcos 9,1). — Que bem que ele *mente*, o leão ...

«Se alguém quer vir após mim a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. *Pois...*»
(Nota de um psicólogo. A moral cristã vê-se

refutada pelos seus *pois*: refutar as suas «razões» — eis o que é cristão). (Marcos 8,34).

«Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que tiverdes medido vos medirão também» (Mateus 7,1). — Que concepção da justiça, de um juiz «equitativo»!...

Porque se amardes os que vos amam, *que recompensa mereceis?* Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, *que fazeis de extraordinário?* Não fazem os gentios também o mesmo? (Mateus 5,46). — Princípio da «caridade cristã»: em última análise ela deseja imenso ser retribuída...

«Porém, se vós não perdoardes aos homens, tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas» (Mateus 6,15). — Assaz comprometedor para o chamado «pai»...

«Buscai pois em primeiro lugar o reino e a justiça de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas» (Mateus 6,33). — Todas estas coisas: a saber, alimentos, vestuário, todas as necessidades da vida. Um *erro*, para nos exprimirmos discretamente. Um pouco mais acima Deus aparece costureiro, pelo menos em determinadas circunstâncias...

«Regozijai-vos nesse dia e exultai de alegria, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma eram os profetas tratados por seus pais» (Lucas 6,23). — *Impudente* ralé! Compararam-se já aos profetas...

«Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, *Deus o destruirá*; pois o templo de Deus é sagrado, e esse templo, sois vós» (Paulo — I Epístola aos Coríntios 3,16). — Para isto, não há desprezo que chegue...

«Não sabeis que os santos hão-de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois acaso indignos de julgar as coisas mínimas?» (Paulo — I Epístola aos Coríntios 6,2) — Se se tratasse simplesmente da linguagem de um pensionista de asilo — por desgraça... Eis, palavra por palavra, como prossegue este *apavorante subornador*: «Não sabeis que somos nós que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!»...

«Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação... Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento. Porém, o que há de louco no mundo, eis o que Deus escolheu para confundir os sábios; o que há de fraco no mundo, eis o que Deus escolheu para confundir os fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são, a fim de que nenhuma carne se

vanglorie na presença de Deus» (Paulo — I Epístola aos Coríntios 1,20 e ss.). — Para *compreender* esta passagem, documento de primeira ordem sobre a psicologia de toda a moral Tchandala, basta ler o primeiro tratado da minha *Genealogia da moral*: pela primeira vez se faz luz, ali, entre uma moral *nobre* e uma moral Tchandala nascida do *ressentiment* * e da raiva impotente. Paulo foi o maior de todos os apóstolos da vingança...

46

— *Que resulta daqui?* Que é muito aconselhável calçar luvas quando se lê o Novo Testamento. Quase somos levados a isso perante a vizinhança de tantas imundícies. Como relações pessoais, evitaríamos tanto os «primeiros cristãos» como os Judeus polacos: não é que se tenha necessidade da menor objecção contra eles... Mas não cheiram lá muito bem, nem uns nem outros. — Foi em vão que, no Novo Testamento, me mantive à espreita de qualquer traço simpático; não é possível encontrar ali o que quer que seja de franco, benévolo, ingénuo, recto. Não encontramos sequer o primeiro indício da bondade e da humanidade — faltam os instintos de *limpeza*... Só há *maus* instintos no Novo Testamento; e não há coragem, não há sequer a coragem desses maus instintos. Tudo é cobardia, olhos fechados e logro de si

próprio. Qualquer livro, não importa qual, se torna limpo quando saímos do Novo Testamento: para dar um exemplo direi que li com o maior agrado, logo depois de Paulo, o mais amável e petulante dos trocistas, esse Petrónio de quem se poderia dizer o que Domenico Boccacio escrevia ao duque de Parma a propósito de César Bórgia: «è tutto festo» — imortal saúde, imortal jovialidade, e aquela felicidade... Porque esses mediocres santarrões enganam-se no essencial. Agridem, mas tudo o que eles agridem fica, por essa mesma agressão, *nobilitado*. A agressão de um «primeiro cristão» não enxovalha... muito pelo contrário: é uma honra servir de alvo aos «primeiros cristãos». Não se consegue ler o Novo Testamento sem sentir uma nítida predilecção pelo que é nele maltratado, — para já não falar na «sabedoria deste mundo», a que um impertinente cheio de vento se esforça em vão por confundir através da «loucura da pregação»... Mas também os fariseus e os escribas ficam a ganhar com esta animosidade: porque o certo é que tinham algum valor para poderem ser objecto de um ódio tão indecente. Hipocrisia — aí está uma censura que os «primeiros cristãos» estariam perfeitamente *autorizados* a fazer! — Mas afinal eram os *privilegiados*: tanto basta, o ódio Tchandala não precisa de mais motivos. O «primeiro cristão» — e temo que também o «último cristão», *que talvez me seja dado ainda ver* — é

o rebelde contra todo o privilégio, pelo mais subjacente dos instintos — ele vive, ele combate sempre pela «*igualdade dos direitos*»... Mas se virmos as coisas mais de perto, ele não tem possibilidade de escolha. Uma vez que se quer dar à própria pessoa o valor de «*eleito de Deus*» — ou de «*templo de Deus*», ou de «*juiz dos anjos*» —, qualquer *outro* princípio de escolha, por exemplo segundo a rectidão, segundo o espírito, segundo a virilidade e o orgulho, segundo a beleza e a liberdade do coração, é muito simplesmente «*mundo*» — *o mal em si*... Moral: cada palavra, na boca de um «*primeiro cristão*», é uma mentira, qualquer acção que ele leve a efeito uma falsidade do instinto — todos os seus valores, todos os seus fins são nocivos, mas *aquelle* que ele odeia, *aquilo* que ele odeia, *tem valor*... O cristão, principalmente o cristão padre, é um *critério dos valores*. Será de alguma utilidade acrescentar que no Novo Testamento existe apenas uma figura digna de ser honrada? Pilatos, o governador romano. Tomar a sério um mexerico de Judeus — é coisa a que ele se não pode decidir. Um Judeu a mais ou a menos — que importância pode ter?... O nobre desprezo de um Romano, perante o qual fazem sofrer à palavra «*verdade*» um tratamento infamante, enriqueceu o Evangelho com a única palavra *que tinha valor* — que é a sua crítica, que é mesmo a sua *ruína*: «*o que é a verdade!*»...

— Não é isso o que *nos* distingue, o facto de não encontrarmos qualquer Deus, nem na história, nem na natureza, nem por trás da natureza — mas sim o facto de, longe de encarmos como o divino aquilo que foi venerado como Deus, nós o sentirmos pelo contrário como desprezível, como absurdo, como pernicioso, não já sòmente como um erro, mas como *um crime contra a vida...* Nós negamos que Deus seja Deus... Ainda que nos *provassem* esse Deus dos critãos, ainda menos conseguiríamos acreditar nele. — Em fórmula: *deus, qualem Paulus creavit, dei negatio.* — Uma religião que, como o cristianismo, não apresenta um único ponto de contacto com a realidade, que se torna caduca logo que a realidade, ainda que seja num só ponto, recupera os seus direitos, uma tal religião deve ser, como é evidente, inimiga jurada da «sabedoria do mundo», quero dizer da ciência — todos os meios lhe servirão para lutar contra a disciplina do espírito, contra a pureza e o rigor nos casos de consciência do espírito, contra a nobre frieza e a nobre liberdade do espírito, desde que tudo isso fique envenenado, caluniado, *caído em descrédito.* Sendo um imperativo, a «fé» é o *veto* lançado contra a ciência — *in praxi* a mentira por qualquer preço... Paulo *compreendeu* que havia uma urgente necessidade de mentira — de fé; a Igreja, por sua vez, começou a entender

Paulo. — Esse famoso «Deus» que Paulo inventou para seu uso, um deus que «confunde a sabedoria do mundo» (em sentido estrito, os dois principais adversários de qualquer superstição, a filologia e a medicina), não passa na realidade da resoluta *determinação* de Paulo: chamar «Deus» à sua própria vontade, *thora*, é puro judeu. Paulo *quer* confundir a «sabedoria do mundo»: os seus inimigos são os *bons* filólogos e médicos da escola alexandrina —, é contra esses que ele faz guerra. Com efeito, não se pode ser filólogo ou médico sem se ser também *anti-cristo*. É porque aquele que é filólogo vai espreitar *por trás* dos «Livros santos», e aquele que é médico *por trás* da decadência fisiológica do cristão-tipo. O médico diz «incurável», o filólogo «fraude»...

48

— Ter-se-á verdadeiramente compreendido a famosa história que encontramos no início da Bíblia — do infernal temor de Deus perante a *ciência?*... Não, não a compreenderam. Este livro de padre *par excellence* * começa e muito justamente com a grande dificuldade interior do padre: este conhece apenas *um* grande perigo, *por consequência*, «Deus» conhece apenas *um* grande perigo.

O antigo Deus, todo «espírito», todo grão-sacerdote, todo perfeição, vagueia ao acaso pelos seus jardins: está pouco longe de se abor-

recer. Até um Deus luta em vão contra o aborrecimento. E que faz ele? Invento o homem — o homem distrai... Mas eis senão quando acontece que o homem se aborrece também. A misericórdia divina, perante este único contratempo, que todos os paraísos têm em comum, desencadeou-se por completo; criou sem mais tardar outros animais. *Primeiro* equívoco de Deus: o homem não achou que os animais o distraíssem — governou-os, e nem sequer quis ser «animal». — Em consequência, Deus criou a mulher. E realmente, tinha-se acabado de vez o aborrecimento — mas também outra coisa ainda! A mulher era o *segundo* equívoco de Deus. — «A mulher, na sua essência, é serpente, Heva» — um padre sabe isso; «da mulher provêm todos os males do mundo» — um padre também sabe isto. «*Por consequência, a ciência também vem dela*»... Foi através da mulher que o homem aprendeu a apreciar o fruto da árvore do conhecimento. — Que se tinha passado? O antigo Deus foi tomado por um pavor infernal. Eis que o próprio homem se transformava no seu *maior* equívoco, tinha criado o seu próprio rival, a ciência *torna igual aos deuses*, — pobres dos padres e dos deuses quando os homens se tornam científicos! — *Moral*: a ciência é o interdito em si — só ela é interdita. A ciência é o *primeiro* pecado, o germe de todos os pecados, o *pecado original*. Isso, e nada mais que isso, é a *moral*. — «Tu não conhecerás» — o resto resulta daí. — O seu

infernall temor não privou Deus do seu engenho. Qual é a *defesa* contra a ciência? foi esse durante muito tempo o seu problema capital. Resposta: põe-se o homem na rua, acabou-se o paraíso! A felicidade, a ociosidade levam ao pensamento — todos os pensamentos são maus pensamentos... O homem não *deve pensar*. — E o «padre em si» inventa a angústia, a morte, o perigo da gravidez, todo o tipo de miséria, senilidade, labor, a *doença* sobretudo — outras tantas armas no combate contra a ciência! A angústia não *permite* ao homem que pense... E contudo, horror! A obra do conhecimento destrói andaimos, assalta o céu, é o crepúsculo dos deuses — que fazer?! — O antigo Deus inventa a *guerra*, divide os povos, leva os homens a destruírem-se entre si (— os padres tiveram sempre necessidade da guerra...). A guerra — um verdadeiro contratempo, entre outros, para a ciência! — Inacreditável! O conhecimento, a *libertação do jugo dos padres*, aumenta apesar da guerra.— E no espírito do antigo Deus nasce uma última decisão: «o homem tornou-se científico — *nada o demove, é preciso afogá-lo!*»...

49

— Compreenderam-me perfeitamente. O início da Bíblia contém *toda* a psicologia do padre. — O padre conhece apenas *um* grande perigo: e é a ciência — a *sã* noção de causa e efeito.

94

Mas a ciência, de modo geral, só pode prosperar numa conjuntura feliz — é preciso ter tempo, é preciso ter espírito *em excesso* quando se quer progredir no caminho do «conhecimento»... «*Por consequência*, é preciso tornar o homem infeliz» — esta foi, em todos os tempos, a lógica do padre. — Já se deixa adivinhar o *que*, em conformidade com esta lógica, surgiu então no mundo — o «pecado»... A noção de falta e de punição, toda a «moralidade da ordem universal» é uma invenção *contra* a ciência — para impedir o homem de se desligar do padre... O homem *não* olhará para fora, olhará para dentro de si próprio; *não* olhará para as coisas com inteligência e prudência, como um aprendiz, não se porá sequer a questão de olhar: ele *sofrerá*... E sofrerá de tal maneira que, em todos os instantes, terá necessidade do padre. — Os médicos à porta! *Do que nós precisamos é de um Salvador.* — A noção de falta e punição, englobando a doutrina da «graça», da «redenção», da «remissão» — *mentiras* de uma ponta a outra e sem a mínima parcela de realidade psicológica — são inventadas para destruir no homem o *sentido das causas*: elas constituem o atentado contra a noção de causa e efeito! — E *não* um atentado ao soco, à faca, com proibidade no amor e no ódio! Mas vindo do fundo dos instintos mais cobardes, mais artificiosos, mais vis! Um atentado *de padre!* Um atentado *de parasita!* Um vampirismo de lívidas sanguessugas subterrâneas!... Quando as consequências naturais de

de uma acção já não são «naturais», mas que, pelo contrário, são encaradas como resultado da acção dos conceitos fantasmas da superstição, de «Deus», dos «espíritos», das «almas», como conseqüências puramente «morais», como sendo punição, sinal, meio de educação, então a condição prévia do conhecimento foi destruída — *então foi cometido o maior dos crimes contra a humanidade*. — Uma vez ainda, o pecado, essa poluição *par excellence* * do homem por si próprio, é uma invenção feita com o único fim de tornar impossível a ciência, a cultura, uma qualquer elevação ou distinção do homem; o padre *reina* pela invenção do pecado.

50

— Não me dispenso de fazer aqui o traçado psicológico da «crença», dos «crentes», em benefício, como é meu dever, dos próprios «crentes». Se existem hoje alguns que não sabem ainda quanto é *indecente* ser «crente» — *ou* uma insígnia de *décadence* *, quebra da vontade de vida — ficarão a sabê-lo a partir de amanhã. A minha voz atinge os duros de ouvido. — Parece, se é que não compreendi mal, que existe entre cristãos uma espécie de critério da verdade que se chama «prova pela força». «A crença torna feliz: *portanto* é verdadeira». — Poderíamos, em primeiro lugar,

objectar que é precisamente essa beatificação que não é provada, mas simplesmente *prometida*: a beatitude ligada à condição da «fé» — *devemos* ser felizes, *porque* acreditamos... Mas quanto a produzir-se efectivamente aquilo que o padre promete ao crente através de um «além» impenetrável a qualquer controle, qual o meio para provar *isso*? — A chamada «prova pela força», no fundo, resume-se pois muito simplesmente em acreditar que o efeito que nos é prometido, ao acreditarmos, não deixará de se produzir. Em fórmula: «Creio que a crença nos torna felizes, nos salva — *por consequência* é verdadeira». — Mas eis-nos já chegados ao fim. Este «por consequência» seria o próprio *absurdum* se o encarássemos como critério da verdade. — Mas se supusermos, e não sem espírito de concepção, que a beatificação é provada pela fé (— *não* simplesmente desejada, *não* simplesmente prometida pela boca um pouco suspeita de um padre): a beatitude — em termos mais técnicos, o *prazer* — poderia jamais ser uma prova da verdade? Tão vagamente, que quase temos a contra-prova ou, em qualquer caso, as mais altas suspeitas contra a «verdade» a partir do momento em que os sentimentos de prazer têm o direito à palavra no debate sobre «o que é verdadeiro». A prova pelo «prazer» prova o «prazer» — nada mais; mas nem por todo o oiro do mundo se poderia encontrar onde está determinado que julgamentos *verdadeiros* provocam mais prazer que

juízos falsos e devem, seguindo uma harmonia pré-estabelecida, conduzir a sensações agradáveis. — A experiência de todos os espíritos rigorosos, de todos os espíritos profundos, ensinam-nos o *contrário*. Foi necessário conquistar pela luta até à menor parcela de verdade; foi necessário, em troca, romper com quase todas as inclinações do coração, do nosso amor e da nossa confiança na vida. Para tal é necessário a grandeza de alma: o serviço da verdade é o mais duro dos serviços. — Mas que significa ser *recto* nas coisas do espírito? Significa que se é estrito com o seu coração, que se desprezam os «belos sentimentos», que se faz de cada sim e de cada não uma questão de consciência! — A fé beatífica: *por consequentemente...*

51

Para ver que em certas ocasiões a fé beatífica, a beatitude não faz ainda de uma ideia fixa uma ideia verdadeira, que, longe de deslocar montanhas, a fé pode muito bem fazê-las aparecer onde não existem, bastará darmos uma volta por uma *casa de doidos*: isso nos *esclarecerá perfeitamente*. Não a um padre, é claro: porque esse nega por instinto que a doença seja uma doença, que a casa de doidos seja uma casa de doidos. O cristianismo tem *necessidade* de um extra de saúde — *tornar*

doente é muito simplesmente a intenção preconcebida de todo o processo da salvação da Igreja — não será ela a casa de doidos católica como mais alto ideal? — Em última análise, a terra como asilo de doidos? — O homem religioso tal como a Igreja o *quer* é um *décadent* *-tipo; o momento em que uma crise religiosa se apodera de um povo é sempre caracterizado por epidemias de neurose; o «mundo interior» do homem religioso, assemelha-se, a ponto de enganar, ao «mundo interior» dos sobreexcitados e dos extenuados; e os estados «supremos», aqueles que o cristianismo suspendeu acima da humanidade como sendo o valor dos valores, são formas epileptóides — a Igreja só canonizou desequilibrados ou grandes facínoras *in majorem dei honorem*... Permiti-me um dia caracterizar todo o *training* cristão da penitência e da redenção (que, nos nossos dias, se deve ir estudar na Inglaterra) como produção sistemática de *folie circulaire* *, naturalmente sobre terreno já preparado, isto é, básicamente mórbido. Ninguém pode escolher tornar-se cristão: não se é «convertido» ao cristianismo — é apenas necessário estar suficientemente doente... Mas nós que temos a *coragem* da saúde e também do desprezo, quão fortemente podemos, nós, desprezar uma religião que ensinou a incompreensão do corpo! que não desiste da superstição da alma! que faz da insuficiência alimentar um mérito! que combate na saúde uma espécie de inimigo, de diabo, de sedução!

que se convenceu de que um corpo cadavérico poderia habitar uma «alma perfeita» e que, portanto, teve a necessidade de desenvolver uma nova noção da «perfeição», um ser macilento, mórbido, cretino-exaltado, a chamada «santidade» — santidade; ela própria sintoma de um corpo empobrecido, privado de nervo, incuravelmente corrupto!... O movimento cristão, encarado como movimento europeu, é primeiro que tudo um movimento geral dos elementos de refugo e desperdício de toda a espécie (— estes querem subir ao poder com o cristianismo). Ele *não* exprime o declínio de uma raça, é um agregado de formas da *décadence* * que se aglutinam e se procuram, vindas de todos os lados. *Não* é, como se julga, a corrupção do próprio mundo antigo, da antiguidade *nobre*, que permite o cristianismo: não se pode ser suficientemente brutal ao desmentir o sábio idiotismo que sustenta ainda, e nos nossos dias, tal coisa. Na época em que as camadas Tchandala, doentes e corrompidas, se cristianizaram em todo o *imperium*, era justamente o *tipo adverso*, a nobreza, que se encontrava na sua expressão mais bela e mais amadurecida. O grande número estendeu o seu império; o democratismo dos instintos cristãos *triunfou*... O cristianismo não era «nacional», não era racial — dirigia-se a todas as variedades de deserdados da vida, tinha por toda a parte os seus aliados. Na sua base o cristianismo tem o rancor dos doentes, voltou os

instintos *contra* os saudáveis, *contra* a saúde. O que é bem desenvolvido, altivo, orgulhoso, sobretudo a beleza, provoca-lhe dores nos ouvidos e nos olhos. Recordo uma vez mais as inestimáveis palavras de Paulo: «O que há de *fraco* no mundo, o que há de *louco* no mundo, as coisas desprezadas e aquelas que não são, eis o que Deus escolheu», eis a fórmula, *in hoc signo* a *décadence* * venceu. — *Deus crucificado* — será que não compreendeu ainda a pavorosa duplicidade deste símbolo? — Tudo o que sofre, tudo o que é crucificado, é *divino*... Todos nós somos crucificados, por consequência *nós* somos *divinos*... Apenas nós somos *divinos*... O cristianismo foi um triunfo, é a ele que uma forma de espírito *mais nobre* deve a sua perda — o cristianismo foi, até ao presente, a maior catástrofe da humanidade.

52

O cristianismo está igualmente no campo oposto a qualquer validade espiritual — como razão cristã, ele só *pode* utilizar a razão doente, toma partido do que é idiota, lança o anátema contra «o espírito», contra a *superbia* do espírito íntegro. Dado que a doença faz parte integrante da essência do cristianismo, é igualmente *necessário* que o estado-tipo cristão, «a fé», seja uma forma de doença, é necessário que os caminhos rectos, probos, científicos, que

conduzem ao conhecimento, sejam rejeitados pela Igreja como sendo caminhos interditos... Já a dúvida é um pecado... A completa ausência de decência psicológica no padre — que se trai no olhar — é uma *consequência* da *décadence* * — as donzelas histéricas, as crianças raquíticas por outro lado, devem ser observadas sob este ponto de vista: veremos com que regularidade a falsidade por instinto, o prazer da mentira pela mentira, a incapacidade de olhar e de andar a direito, são a expressão da *décadence* *. «Crer» significa não-querer-saber o que é verdadeiro. O pietista, padre dos dois sexos, é falso *porque* está doente: o seu instinto *exige* que a verdade não tenha os seus direitos sobre nenhum ponto. «O que faz adoecer é bom; o que nasce da abundância, do supérfluo, do poder, é mau»: tal é o sentimento do crente. *A mentira como única liberdade* — é por aí que reconheço o teólogo predestinado. — Um outro sinal que distingue o teólogo é a sua *impotência filológica*. Por filologia devemos entender aqui, num sentido muito geral, a arte de ler bem — saber ler factos *sem* os adulterar pela interpretação, sem abandonar, levado pelo desejo de compreender, toda a sua prudência, a sua paciência e a sua subtileza. A filologia como *Ephexis* na interpretação: quer se trate de livros, de notícias de jornal, de destinos ou de dados meteorológicos — sem falar da «salvação da alma»... O modo pelo

qual um teólogo, em Berlim ou em Roma, pouco importa, dissecar uma «frase da escritura» ou um acontecimento pessoal, uma vitória dos exércitos da pátria, à luz superior dos salmos de David por exemplo, é de uma tal *audácia* que fará o filólogo amarinhar pelas paredes. E que fazer quando os pietistas e outros ruminantes do país suávio remendam com o «dedo de Deus» o miserável quotidiano e o mofo doméstico da sua existência, dando-o como prodígio de «graça», de «providência», de «experiência de salvação»? Mas não deveria a mais modesta investida de espírito, para não dizer de *decência*, levar esses intérpretes à convicção da perfeita infantilidade, da perfeita indignidade de um tal abuso da divina dedada? E, desde que se tenha no corpo a menor partícula de piedade, um Deus que trata a tempo a gripe, ou que nos leve a subir para a diligência no instante em que cai uma carga de água, esse Deus deveria parecer-nos de um tal absurdo que seria necessário aboli-lo, mesmo que ele existisse. Um Deus lacaio, feitor, fazedor de almanaques — no fundo é uma palavra para designar o mais estúpido dos acasos... A «divina providência», tal como ainda hoje continua a ser digna de crédito para um homem em cada três na «Alemanha culta», seria uma objecção de tal ordem contra Deus que não se poderia certamente conceber outra mais forte. Ela é, em todo o caso, uma objecção contra alguns Alemães!...

— É tão pouco verdade que *mártires* provem seja o que for quanto à veracidade de uma causa, que eu desejo aqui negar que qualquer mártir tenha jamais tido a menor relação com a verdade. No tom com que um mártir lança à cara do mundo a sua certeza, exprime-se já um grau tão baixo de rectidão intelectual, uma tal *estupidez* perante o problema «verdade», que um mártir nunca vale sequer o trabalho de o refutar. A verdade não tem aspecto nenhum de coisa que este teria e aquele não teria: tudo bem ponderado, camponeses e apóstolos camponeses no estilo de Lutero podem pensar desta maneira sobre a verdade. Mas haja um certo grau de consciência nas coisas do espírito, e podemos estar certos que a modéstia, que a *moderação* acerca deste ponto se torna cada vez maior. Possuir cinco *saberes* e recusar com mão delicada qualquer *outro* saber... «Verdade», a palavra tal como a entende qualquer profeta, qualquer sectário, qualquer liberal, qualquer socialista, qualquer homem de igreja, é a prova edificante de que não chegámos ainda sequer ao princípio dessa disciplina do espírito, desse domínio sobre si próprio, sem o qual se não pode encontrar a menor verdade, por mais pequena que seja. — Os mártires, diga-se de passagem, foram uma grande desgraça na história: *seduziram*...

Deduzir como o fazem todos os idiotas, inclusivamente mulheres e povo, que uma causa pela qual um homem aceita a morte (ou mesmo, como o primeiro cristianismo, que provoca verdadeiras epidemias e desejo da morte) deve por certo ter algo de verdadeiro — essa lógica foi um freio terrível para o exame, para o espírito de exame e para a prudência. Os mártires atentaram contra a verdade... Ainda hoje, basta que exista uma certa crueza na perseguição a uma seita, mesmo a mais indifferente em si, para lhe dar um bom *renome*. — O quê? o facto de dar a vida por uma causa vem por acaso mudar de algum modo o seu valor? — Um erro que se torna honroso é um erro que possui um atractivo mais: acreditam, Senhores teólogos, que vos iremos dar azo a fazer de mártires pela vossa mentira? — para refutar uma causa, pega-se nela e põe-se respeitosa de lado — eis também como se refutam teólogos... Foi precisamente a estupidez histórico-universal de todos os perseguidores: darem à causa contrária a aparência de honrosa — fazerem-lhe presente da fascinação do martírio... Hoje a mulher está ainda de joelhos diante de um erro porque lhe disseram que alguém morreu na cruz, por ela. *Será possível que a cruz fosse um argumento?* — Mas acerca de todas estas coisas um único disse a palavra de que há milénios havia necessidade — *Zaratustra*.

«Eles traçaram sobre o caminho que seguiam sinais de sangue, e a sua loucura ensinava que a verdade se prova com sangue.

Mas o sangue é a pior testemunha da verdade; o sangue é um veneno que transmuta em delírio, com ódio dos corações, a doutrina mais pura.

E ainda que se atravessasse o fogo pela doutrina — que prova isso? Melhor será, em verdade, que a nossa própria doutrina haja saído do nosso próprio braseiro» ¹¹.

54

Não nos deixemos desencaminhar: os grandes espíritos são cépticos. Zaratustra é um céptico. A força, a *liberdade* que nasce do poder e do super-poder do espírito, é no cepticismo que tem a sua *prova*. No que se refere ao princípio do valor e do não-valor, as pessoas de convicção não entram sequer em linha de conta. As convicções são calabouços. É coisa que não vê suficientemente longe, que não vê *acima* de si: e para ter direito à palavra sobre o problema do valor e do não-valor, é preciso ver quinhentas convicções *abaixo* de si — *atrás* de

¹¹ «Assim falava Zaratustra» — II, 350.

si... Um espírito que quer grandeza, que quer também os meios da grandeza, é necessariamente um céptico. A liberdade relativamente a toda a espécie de convicção *faz parte* da força, da *aptidão* para o olhar livre... A grande paixão, fundamento e poder do seu ser, ainda mais esclarecida, ainda mais despótica que ele próprio o é, toma ao seu serviço todo o seu intellecto; elimina todo o escrúpulo; dá-lhe também a coragem dos meios sacrílegos; concede-lhe, se necessário, o *favor* de uma convicção. A convicção como *meio*: há mais de uma coisa que apenas se pode atingir por intermédio de uma convicção. A grande paixão utiliza, consume as convicções, não se submete a elas — sabe-se soberana. — Em troca: a necessidade de crença, de um qualquer absoluto de sim e de não, o Carlylismo, se me querem permitir esta palavra, é uma necessidade da *fraqueza*. O homem de fé, o «crente» de qualquer espécie, é necessariamente um bom em dependência — destes homens que não podem pôr-se a *si próprios* como fim, que não podem, por si próprios, escolher nenhum fim. O «crente» não pertence a si próprio, não passa jamais de um *meio*, deve ser *consumido*, tem necessidade de alguém que o consuma. É a uma moral da desapropriação de si que ele rende as maiores homenagens: tudo leva a isso, a sua prudência, a sua experiência, a sua vaidade. Na realidade toda a crença é, ela própria, uma expressão da desa-

propriação e do afastamento de si próprio... E se considerarmos a necessidade que a maior parte dos homens tem de um regulador que ligue e estabilize do exterior, veremos como a coacção, num sentido mais elevado, a *escravatura*, para o falho de vontade, sobretudo a mulher, a única e última condição para um bom desenvolvimento: compreendemos a convicção, compreendemos pois a «fé». É nela que o homem de convicção encontra o seu sustentáculo. Não ver muitas coisas, nunca abandonar as suas prevenções, ser de ponta a ponta ideia preconcebida, possuir uma óptica severa e conseqüente para todos os valores — é isto, e apenas isto, que condiciona a sobrevivência desta espécie de homens. Mas ela é, por isso mesmo, o oposto, o *antagonista* do verídico — da verdade... O crente não goza sequer da liberdade de ter consciência perante a questão «verdadeiro» e «não-verdadeiro»: ser justo, relativamente a *este* ponto, acarretaria imediatamente a sua perda. O lado patológico da sua óptica torna o convicto em fanático. — Savonarola, Lutero, Rousseau, Robespierre, Saint-Simon — eis o tipo oposto ao espírito *liberto*. Mas a atitude grandiloquente destes espíritos *doentes*, destes epiléticos do conceito, age sobre a grande massa — os fanáticos são pitorescos, a humanidade vê com mais agrado os gestos do que ouve as *razões*...

— Um passo mais em frente na psicologia da convicção, da «crença». Há muito tempo já que propus considerar se as convicções não serão inimigas mais perigosas da vontade do que o são as mentiras (Humano, demasiado humano) ¹². Pretendo, desta feita, fazer a pergunta decisiva: haverá sequer oposição entre mentira e convicção? — Toda a gente acredita que sim; mas o que haverá que toda a gente não acredite? — Toda a convicção, seja ela qual for, tem a sua história, os seus moldes, as suas tentativas e as suas desilusões: convicção é aquilo que ela *vem a ser* depois de, durante muito tempo, o *não* ser, depois de, durante ainda mais tempo, o ser *quase*. E então? não poderia a mentira figurar também entre essas formas embrionárias da convicção? — Por vezes, basta apenas uma substituição de pessoas: torna-se convicção no espírito do filho aquilo que, para o pai, era ainda mentira. — Chamo mentira a *não* querer ver uma coisa que se vê, não querer ver uma coisa *tal* como é: é indiferente que a mentira tenha lugar perante testemunhas ou sem testemunhas. A mentira mais comum é aquela com que a pessoa se engana a si própria; enganar os outros é relativamente

¹² Subtítulo riscado por Nietzsche, no manuscrito.

excepcional. — Ora este *não-querer-ver* o que se vê, este *não-querer-ver-tal* como se vê, constitui praticamente a condição prévia para todos os que têm o seu *partido* tomado, seja em que sentido for: o homem de partido torna-se, necessariamente, um mentiroso. A ciência histórica alemã, por exemplo, está convencida de que Roma era o despotismo, que foram os germanos quem deu à luz o espírito de liberdade: que diferença poderá haver entre esta convicção e uma mentira? Haverá ainda motivo para nos admirarmos perante o facto de todos os partidos, e portanto também o dos historiadores alemães, terem na boca, por instinto, as grandes frases da moral — que a própria moral, se *subsiste*, o deve quase exclusivamente à necessidade que, a cada instante, dela tem qualquer tipo de homem de partido? — «Esta é a nossa convicção: professá-mo-la à face de todo o mundo, vivemos para ela e por ela morreremos — que todo aquele que tem convicções seja respeitado!» — isto são frases que recolhi até mesmo da boca de anti-semitas. Muito pelo contrário, Cavalheiros! O facto de mentir por convicção não torna, em nada, um anti-semita mais decente... Os padres, que têm uma maior subtileza nestes assuntos e compreendem perfeitamente a objecção que se acoita na ideia de uma convicção, ou seja, de uma duplicidade de princípio *porque* eficaz, os padres tomaram de empréstimo aos Judeus a habilidade que consiste em incluir sornateira-

mente neste assunto a noção de «Deus», de «vontade de Deus», de «revelação divina». Também Kant, com o seu imperativo categórico, ingressara por este mesmo caminho: a sua razão alcançou aí o ser *prática*. — Para certos problemas, *não* é ao homem que cabe decidir sobre a verdade ou a não-verdade; as questões supremas, os mais altos problemas de valor, estão todos para além da razão humana... Definir os limites de razão — é *aí* que a filosofia começa verdadeiramente... Qual o fim com que deu Deus ao homem a revelação? Poderia Deus ter feito algo de supérfluo? O homem *não pode*, por si próprio, conhecer o que é bem ou mal, por isso Deus lhe manifestou a sua vontade... Moral: o padre *não* mente — o problema do «verdadeiro» ou «não-verdadeiro» é coisa que *não existe* no género de assuntos de que um padre trata! em absoluto, esses assuntos não permitem que se minta. Com efeito, para mentir seria necessário poder, a cada momento, decidir o que é verdadeiro. Mas é precisamente disso que o homem é *incapaz*; de onde advém que o padre é simplesmente o porta-voz de Deus. — Um tal silogismo de padre não é, de modo algum, propriedade exclusiva dos Judeus e dos cristãos; o direito à mentira e a *engenhosidade* da «revelação» pertencem ao tipo padre, tanto aos padres do paganismo (— são pagãos todos aqueles que dizem sim à vida, para quem «Deus» é a palavra que designa o grande sim a todas as coisas). — A «Lei», a «vontade de Deus»,

o «Livro sagrado», a «inspiração» — outras tantas palavras para designar as condições *sob* as quais o padre ascende ao poder, *com* as quais ele mantém o seu poder — estes conceitos constituem a base de todas as organizações sacerdotais, de todas as formas de domínio sacerdotal ou filosófico-sacerdotal. A «mentira sagrada» — comum a Confúcio, ao Livro de Manú, a Maomé e à igreja cristã —: não está ausente da obra de Platão. «A verdade está aí»: isto significa, onde quer que ouçamos, o *padre mente...*

56

— Tudo, finalmente, depende do *fim* com que se mente. A ausência, no cristianismo, dos fins «sagrados», eis a *minha* objecção contra os seus meios. Ali só há fins *maus*: envenenamento, descrédito, negação da vida, o desprezo pelo corpo, o rebaixamento e a poluição do homem por si próprio com a noção de «pecado» — *por consequência* os seus meios são também *maus*. — É com um sentimento totalmente oposto que leio o Livro de *Manú*, obra tão incomparavelmente espiritual e soberana que, apenas *nomeá-la* ao mesmo tempo que à Bíblia, seria um pecado contra o espírito. Adivinha-se logo: há uma filosofia real por trás dele, *dentro* dele, e não simplesmente uma qualquer nauseabunda judiarice, composta de rabinismo e supers-

tição — ao psicólogo mais esquisito de boca ele oferece ainda alguma coisa que vale a pena trincar. Não esquecer o essencial, a diferença fundamental relativamente a não importa que bíblia: nele, são as castas nobres, os filósofos e os guerreiros, que seguram as rédeas da multidão; nele só encontramos, e a cada passo, os valores nobres, um sentimento de perfeição, um sim à vida, um triunfante estar de bem com a vida e consigo próprio — o sol ilumina o livro da primeira à última página. — Todas as coisas que, para o cristianismo, são pretextos para extravazar a sua infindável vulgaridade, a procriação, por exemplo, a mulher, o casamento, são aqui tratadas seriamente com respeito, com amor e confiança. Como poderemos pôr nas mãos de uma mulher, de uma criança, um livro que contém esta frase abjecta: «Por causa da impudícia, que cada um tenha a sua própria esposa e que cada uma tenha o seu próprio esposo... vale mais casar que arder de desejo»? Será *permitted* ser cristão enquanto a noção de *immaculata conceptio* servir para cristalizar, quer dizer, para *enxovalhar* a origem do homem?... Não conheço livro em que à mulher sejam ditas coisas tão ternas, tão impregnadas de benevolência, como no Livro de Manú; esses velhos santos de barba grisalha têm para com as mulheres delicadezas que, sem dúvida, não podem ser ultrapassadas. Lemos, por exemplo: «A boca de uma mulher, a garganta de uma

rapariga, a oração de uma criança, o fumo do sacrifício, são sempre puros». Uma outra passagem: «Verdadeiramente, nada há de mais puro que a luz do sol, a sombra de uma vaca, o ar, a água, o fogo e o hálito de uma rapariga». Uma última passagem — que talvez seja, também, uma mentira sagrada: «Todas as aberturas do corpo acima do umbigo são puras, abaixo são impuras. Apenas na rapariga o corpo inteiro é puro».

57

Apanha-se a *perfidia* dos métodos cristãos *in flagranti* quando nos damos ao trabalho de comparar a finalidade *cristã* com a finalidade do Livro de Manú — quando lançamos uma luz impiedosa sobre o antagonismo dos fins. O crítico do cristianismo não pode deixar de votar *ao desprezo* o cristianismo. — Um livro de leis como o de Manú é constituído como qualquer outro bom livro de leis: resume a experiência, a sabedoria e a moral positiva de longos séculos, perfaz, já nada cria. Para um tal tipo de codificação, é necessário ter reconhecido previamente que os meios para assegurar a autoridade de uma verdade longa e dificilmente adquirida, são radicalmente diferentes dos que se utilizariam para a provar. Um código nunca descreve a utilidade, os motivos, a casuística, que existem na pré-história de

uma lei: isso teria como resultado perder-se o benefício do tom imperativo, o «tu deves», aquilo que permite obter obediência. É precisamente aí que reside o problema. — Uma vez que um povo chegou a determinado ponto da sua evolução, a sua camada mais perspicaz, isto é, a mais previdente e a mais retrospectiva, decreta que a soma de experiências segundo a qual se deve — isto é, se *pode* viver, está completa. O seu objectivo é extrair dos anos de provação e de *má* experiência, uma colheita tão rica e completa quanto possível. Trata-se pois, daqui para o futuro, de evitar a todo o custo o prosseguimento da experimentação, o prolongamento do estado flutuante dos valores, o exame, a selecção e a crítica dos valores *in infinitum*. Isto consegue-se erigindo uma dupla muralha defensiva: em primeiro lugar a revelação, isto é, a asserção segundo a qual a sabedoria dessas leis *não* é de origem humana, *não* foi procurada e encontrada após uma longa série de erros, mas que, sendo de origem divina, ela é total, perfeita, sem história, um presente, um prodígio, pura e simplesmente comunicado... Em seguida a *tradição*, ou seja, a asserção segundo a qual a lei existia já desde há tempos imemoriais, que seria uma impiedade pô-la em dúvida, que isso representaria um crime contra os antepassados. Assim, a autoridade da lei é estabelecida sobre estas duas teses: Deus a *estabeleceu*, os antepassados a *viveram*. — A razão superior de um tal

procedimento está ligada ao intuito de recalcar progressivamente a consciência da vida reconhecida como legítima (ou seja, *comprovada* por uma considerável quantidade de experiências, severamente passadas à peneira): de modo a obter o perfeito automatismo do instinto — a condição prévia para todo o domínio, para toda a perfeição na arte da vida. Estabelecer um código como o de Manú equivale a dizer: consentir que, daqui em diante, o povo se torne senhor, que se torne perfeito — que ambicione a mais elevada forma da arte da vida. *Para tal, é necessário libertá-lo da consciência: finalidade de toda e qualquer mentira sagrada. — A ordem das castas, a lei suprema, a lei dominadora, é simplesmente a sanção de uma ordem natural, de um princípio natural de primeira linha, sobre o qual nenhum árbitro, nenhuma «ideia moderna», têm o mínimo poder. Em qualquer sociedade sã, vemos separarem-se três tipos de gravitação fisiológica diferentes, determinando-se entre si, enquanto cada um tem a sua higiene própria, o seu próprio campo de trabalho, o seu sentimento de perfeição e o seu domínio próprios. A natureza, e não Manú, separa entre si aqueles que são principalmente espirituais, os que são sobretudo vigorosos nos músculos e no temperamento, e finalmente aqueles que se não distinguem nem num nem noutro campo, os medíocres, — sendo estes últimos o maior número e constituindo os primeiros a elite. A classe superior — eu cha-*

mo-lhe os mais raros —, incarnando a perfeição, possui os privilégios reservados aos mais raros: cabe-lhes pois representar a felicidade, a beleza e a bondade sobre a terra. E aos mais espirituais, e só a eles, que a beleza, que o belo é concedido — só neles não é a bondade fraqueza. *Pulchrum est paucorum hominum*: o bem é um privilégio. Em troca, nada que se pareça com maneiras vis, um olhar, um olho que *torna feio*, lhes será concedido —, nem sequer uma indignação perante o aspecto geral das coisas. A indignação é privilégio da Tchandala; e o pessimismo também. «*O mundo é perfeito*» — eis como fala o instinto dos mais espirituais, o instinto de aprovação —: «a imperfeição, qualquer espécie de *abaixo-de-nós*, a distância, a essência da distância, a própria Tchandala, são ainda incluídas nesta perfeição». Sendo os *mais fortes*, os homens mais espirituais encontram a sua felicidade nas mesmas coisas em que os outros encontrariam a perdição: no labirinto, na dureza para consigo e para com os outros, na prova; o seu prazer reside na auto-dominação: neles, o ascetismo torna-se natureza, necessidade, instinto. Para eles, uma tarefa pesada é um privilégio; brincar com pesos que esmagariam qualquer outro, um *descanso*... O conhecimento — uma forma do ascetismo. — Eles constituem a mais distinta espécie de homens: isso não exclui que seja também a mais jovial, a mais amável. Eles reinam, não porque o queiram, mas porque

são; não têm a liberdade de ser os segundos. — Os *segundos*: estes são os que velam pelo direito, os tutores da ordem e da segurança, estes são os guerreiros distintos, e, acima de todos, o *rei* como sendo a forma mais elevada do guerreiro, juiz e sustentáculo da lei. Os segundos constituem o executivo dos mais espirituais, aquilo que estes têm de mais próximo, o que os liberta de qualquer *lida* no trabalho de reinar — o seu séquito, a sua mão direita, os seus melhores discípulos. — Em tudo isto, devemos dizê-lo uma vez mais, nada existe de arbitrário, nada existe de «feito»; o que é *de outro modo* é feito — e então a natureza foi derrotada... A ordem das castas, a *ordem hierárquica*, limita-se a formular a lei suprema da própria vida; a separação dos três tipos é necessária para a conservação da sociedade, para que sejam possíveis tipos mais elevados, tipos superiores — a *desigualdade* dos direitos é a condição necessária para que haja direitos. — Um direito é um privilégio. Assim, cada um encontra o seu privilégio na particularidade do seu ser. Não subestimemos os privilégios dos *mediócras*. A vida eminente apresenta uma crescente dureza — o frio cresce, a responsabilidade cresce. Uma alta cultura é uma pirâmide: ela só pode repousar sobre um chão bastante vasto, ela tem como condição prévia uma mediocridade sadia e fortemente consolidada. O artesanato, o comércio, a agricultura, a *ciência*,

a maior parte da arte, numa palavra, a quintessência de qualquer actividade *profissional*, só pode ser levada a cabo com uma certa mediocridade da capacidade e do desejo; isto estaria deslocado entre as excepções, e o instinto correspondente seria tão oposto à aristocracia como ao anarquismo. Ser uma utilidade pública, uma engrenagem, uma função, corresponde a uma imposição natural: *não* é a sociedade, mas simplesmente o tipo de *felicidade* de que os mais numerosos são capazes, que deles faz máquinas inteligentes. Para o medíocre, ser medíocre é uma felicidade: a perícia num determinado domínio, a especialidade, um instinto natural. Considerar que, em si, a mediocridade é já uma objecção, seria perfeitamente indigno de um espírito profundo. Ela é, em si própria, a *primeira* necessidade para que existam excepções: é dela que depende uma alta cultura. O facto de o homem de excepção manejar precisamente os medíocres com mão mais delicada que a que usa para si próprio e para os seus pares, não é apenas delicadeza do coração — é simplesmente o seu *dever*... Quais são aqueles que mais odeio no meio da canalha dos nossos dias? A canalha socialista, os apóstolos Tchandala, mirando o instinto, o prazer, o contentamento do trabalhador no seu pequeno mundo — que o tornam invejoso, que lhe ensinam a vingança... A injustiça nunca reside na desi-

gualdade dos direitos, ela está na reivindicação de direitos «iguais»... O que é *mau*? Creio que o disse já: tudo aquilo que nasce da fraqueza, da inveja, da *vingança*. — O anarquista e o cristão vêm da mesma cepa...

58

O fim com que se mente: ou é para conservar ou para *destruir* — é evidente que existe uma diferença. Podemos estabelecer uma equação perfeita entre *cristão* e *anarquista*: o fim de ambos, o seu instinto, tende apenas para a destruição. Podemos ler na história a prova desta alegação: sobressai com assustadora clareza. Se acabamos de deparar com uma legislação religiosa cujo fim era «eternizar» uma grande organização da sociedade, condição suprema para que a vida *prosperes* — é certo e seguro que o cristianismo considerou ser sua missão pôr fim a essa mesma organização, precisamente *porque nela a vida era próspera*. Naquela, o capital de razão, acumulado no decurso dos longos períodos de experiência e de incerteza, devia ser colocado em função do lucro mais longínquo, e a colheita conseguida devia ser tão grande, tão abundante, tão completa, quanto possível — neste, pelo contrário, bastou uma noite para *envenenar* a colheita...

Aquilo que se erguia *aere perennius*, o *imperium Romanum*, o mais grandioso tipo de organização, com condições difíceis, a que até hoje se conseguiu chegar, comparativamente ao qual tudo o que o precede, tudo o que se lhe segue, não passa de pacotilha, atamancamento, diletantismo — esses santos anarquistas consideraram um «acto piedoso» a destruição do «mundo», ou seja, o *imperium Romanum*, até dele já não restar pedra sobre pedra — que até os Germanos e outros labregos se tornassem senhores dele... O cristão e o anarquista: *décadents* * um e outro, um e outro incapazes de um acto que não seja dissolvente, venenoso, estiolador, *consumidor de sangue*, um e outro personificando o instinto do *ódio mortal* àquilo que está de pé, que tem estatura, que é duradoiro, que promete um futuro à vida... O cristianismo foi o vampiro do *imperium Romanum* — e, numa só noite, derrotou a obra grandiosa dos Romanos: conquistar território para uma grande cultura, uma cultura que pudesse durar. — Não compreendem ainda? O *imperium Romanum* que nós conhecemos, que, através da história da província romana, nos é cada vez mais familiar, a mais admirável das obras-primas de grande estilo, era um início, o edifício estava previsto para se *firmar* através dos milénios — nunca, a partir de então, se voltou a construir de tal forma, nem sequer a sonhar construir nas mesmas proporções *sub specie aeterni!* — Essa organização era suficientemente

sólida para suportar maus imperadores: o acaso das pessoas não deve ter nada a ver com coisas como esta — *primeiro* princípio de qualquer grande arquitectura. Mas já não era suficientemente sólida para resistir à *mais corrupta* das corrupções, ao *cristão*... A subreptícia praga, insinuando-se através da noite, da névoa e das ambiguidades, até junto de cada pessoa e a ela se colando, suando, esgotando a sua seriedade para com as coisas *verdadeiras*, o seu instinto para as *realidades*, essa quadrilha pusilânime, fêmea e açucarada, exilou, *passo a passo*, dessa grandiosa construção, as «almas» — essas naturezas cheias de valor de uma viril nobreza, que sentiam na «coisa romana» a sua própria causa, a sua própria seriedade, o seu próprio orgulho. As tortuosidades do beato, os segredinhos de convento, noções sinistras como o inferno, sacrifício dos inocentes, *unio mystica* na consumação do sangue e, sobretudo, pacientemente ateadado o fogo da vingança, da vingança Tchandala — foi *isto* que se tornou senhor de Roma, a mesma religião que já Epicuro havia combatido na sua primeira forma. Leia-se Lucrécio e entenderemos o que Epicuro combateu, *não* o paganismo, mas o «cristianismo», quero dizer, o gangrenar das almas através da ideia do pecado, do castigo e da imortalidade. — Ele combatia os cultos *subterrâneos*, todo o cristianismo latente — negar a imortalidade, na época, era já uma verdadeira *redenção*. — Epicuro teria triunfado, dado que, no império romano,

todo o espírito respeitável era discípulo de Epicuro: *Quando Paulo apareceu...* Paulo, o ódio Tchandala feito gente, gênio erguido contra Roma, contra o «mundo», o Judeu, o Judeu errante *par excellence* *... O que ele descobriu foi o meio de se servir de uma pequena seita cristã à margem do judaísmo para desencadear a «conflagração do mundo», o meio de utilizar o símbolo «Deus sobre a cruz» para concentrar numa força monstruosa tudo o que jaz nas profundezas, todas as secretas correntes de agitação, toda a herança das maquinações anarquistas no interior do Império. «A salvação vem dos Judeus». — O cristianismo como fórmula para exceder qualquer espécie de culto subterrâneo, o de Osíris, da Grande Madre, de Mithra, por exemplo — e para os reunir: é nesta ideia que surge o gênio de Paulo. Neste ponto, era tão seguro o seu instinto que pôs as imagens com que essas religiões Tchandala funcionavam na boca do «Salvador», de sua invenção, em vez da verdade, com uma brutalidade sem mercê; e não apenas na boca — fez dele, enfim, algo de compreensível mesmo para um padre de Mithra... Foi essa a sua hora de Damasco: compreendeu que tinha *necessidade* da crença na imortalidade para desvalorizar o mundo, que a ideia de inferno iria dominar Roma — que com o «além» se *mata a vida*... Niilista e discípulo do Cristo: está certo, está mais que certo...

Em vão todo o trabalho do mundo antigo: não encontro palavras para isto, palavras que traduzam o que sinto perante uma tal monstruosidade. — E considerando que o seu trabalho era um trabalho preparatório, que ele acabava, com granítica segurança, de lançar os alicerces para um trabalho de vários milénios, todo o sentido do mundo antigo *em vão!*... Para quê os Gregos? para quê os Romanos? — Todas as condições de uma cultura sapiente, todos os métodos científicos ali existiam já, fora já fixada essa grande arte, essa arte incomparável que consiste em ler bem — essa condição prévia para uma tradição de cultura, para a unidade da ciência; a ciência natural, aliada à matemática e à mecânica, estava já igualmente lançada no melhor caminho — o *sentido dos factos*, o último, o mais precioso de todos os sentidos, tinha as suas escolas, a sua tradição, velha já de vários séculos! Compreendem bem isto? O essencial tinha sido encontrado, podia-se começar o trabalho — os métodos, dez vezes que o digamos não será demais, *são* o essencial, e o mais difícil é o que deve, durante mais tempo, lutar contra os hábitos e a preguiça. Aquilo de que hoje, através de uma inaudita violência contra nós próprios — porque todos os maus instintos, os cristãos, continuamos ainda, seja como for, a tê-los no corpo —, nos reapropriámos,

o olhar livre em frente à realidade, a mão cautelosa, a paciência e a seriedade nas mais pequenas coisas, toda a *rectidão* do conhecimento — isto já existia! e há já mais de dois mil anos! *E* ainda mais; a subtileza, a segurança do tacto e do gosto! *Não* como exercício para o cérebro! *Não* como cultura «alemã» com maneiras de rústico! Mas como corpo, como gesto, como instinto — numa palavra: como realidade... Isto *em vão!* Apenas uma noite, e eis que não passa já de recordação! — Gregos! Romanos! A nobreza do instinto, o gosto, a pesquisa metódica, o génio da organização e da administração, a fé a *voluntade* de futuro para o homem, o grande sim a todas as coisas, visível enquanto *imperium Romanum*, visível para todos os sentidos, o grande estilo não sendo já simplesmente arte, mas tornado realidade, verdade, *vida*... — E não sepultado numa só noite por um cataclismo! Não espezinhado pelos Germanos e outros patarrudos! Mas, isso sim, arruinado por vampiros manhosos, dissimulados, invisíveis, sedentos de sangue! Não vencido — mas, muito simplesmente, sugado!... A raiva escondida, a inveja baixa tornada *senhora!* Tudo o que é desprezível, sofredor-de-si, presa-dos-maus-sentimentos, todo o *ghetto* da alma, *triunfante* de um só golpe! — Basta ler qualquer um dos agitadores cristãos, o santo *cheirar* a corja de maltrapilhos que assim

ascendeu ao poder. Muito nos enganaríamos ao supor um qualquer vício de compreensão nos cabecilhas do movimento cristão — oh, não, são hábeis, hábeis até à santidade, os Senhores Padres da Igreja! O que lhes falta é algo absolutamente diverso. A natureza negligenciou-os — esqueceu-se de os prover com um dote modesto de instintos honrosos, de instintos decentes e *limpos*... Aqui entre nós, eles nem sequer são homens... Quando o islão despreza o cristianismo, tem mil vezes razão: o islão pressupõe *homens*...

60

O cristianismo privou-nos dos frutos da cultura antiga e, mais tarde, veio ainda privar-nos dos frutos da cultura *islâmica*. A maravilhosa cultura mourisca da Espanha, no fundo mais próxima de *nós*, mais eloquente para o espírito e a sensibilidade que Roma e a Grécia, foi *espezinhada* (— não digo por que pés —), porquê? porque ela devia o seu nascimento a instintos de homem, porque ela dizia sim à vida e dizia-o com os requintes singulares e preciosos da vida mourisca... Os cruzados, mais tarde, combateram algo diante do qual teria sido mais certo que se prosternassem na poeira — uma cultura diante da qual até o nosso século dezanove se deveria sentir muito pobre, muito «atrasado» —.

Evidentemente, o que eles pretendiam era o saque: o Oriente era rico... deixemo-nos de punhos de renda! As cruzadas-pirataria superior, nada mais! A nobreza alemã, no fundo nobreza Vicking, estava ali no seu elemento: a Igreja sabia mais que bem com que se *conquista* a nobreza alemã... A nobreza alemã, sempre os «Suíços» da Igreja, sempre ao serviço de todos os maus instintos da Igreja — mas *bem paga*... E foi justamente necessário espadas alemãs, sangue e coragem alemã, para a Igreja poder conduzir a sua guerra e a sua mortal hostilidade contra o que de mais nobre existe na terra! Aqui se levanta um sem número de questões dolorosas. A nobreza alemã está quase *ausente* da história da alta cultura: a razão adivinha-se... Cristianismo, álcool — os dois grandes meios de corrupção... Em si, não deveria haver mais razão para escolher entre islão e cristianismo, que entre um Árabe e um Judeu. A decisão está tomada: sobre esta questão ninguém tem já a liberdade de escolher. Ou bem que se é Tchandala, ou bem que se *não é*... «Guerra a todo o transe contra Roma! Paz, amizade com o islão»: foi então esse o sentimento, foi essa a *acção* desse grande espírito livre, desse génio entre os imperadores alemães, Frederico II? O quê? é necessário que um Alemão seja primeiro um génio, primeiro um espírito livre, para ter *decadência* nos sentimentos cristãos...

Devemos recordar aqui um facto cem vezes mais penoso para a Alemanha. Os Alemães privaram a Europa da última grande colheita cultural destinada a entrar nos seus celeiros — a da *Renascença*. Ter-se-á finalmente compreendido, *querer-se-á* compreender o que era a *Renascença*? A *transvalorização dos valores cristãos*, a tentativa, efectuada através de todos os meios, com todos os instintos, com todo o génio possível, para fazer triunfar os valores *opostos*, os valores *nobres*... Nunca, até hoje, houve senão *essa* grande guerra, não houve, até ao presente, problemática mais decisiva que a da *Renascença* — a *minha* questão é a sua questão —: e nunca houve ataque mais fundamental, mais directo, mais vigorosamente dirigido, de frente e sobre o centro, que *essa ofensiva!* Atacar no ponto decisivo, na própria sede do cristianismo, aí mesmo fazer subir ao trono os valores nobres, quero dizer, introduzi-los nos instintos, nas necessidades e nos apetites mais subjacentes dos que ocupavam esse trono!... É uma perspectiva de um encanto e de um brilho perfeitamente sobrenaturais, e cuja imagem se ergue perante mim — parece-me que ela resplandece em todos os frémios de uma subtil beleza, tão diabòlicamente divina, que, para encontrar algo de semelhante, se rebuscariam em vão milénios e milénios; vejo um espectáculo com uma tal riqueza de sentido, e tão maravi-

lhosamente paradoxal, que nele todas as divindades do Olimpo teriam encontrado razão para uma imortal hilariedade — *Cesare Borghia pape...* Compreendem-me? Pois bem, *esse* teria sido o triunfo que, hoje, sou eu o único a desejar —: seria a *supressão* do cristianismo! — Que succedeu? Um monge alemão, Lutero, foi a Roma. Esse monge, tendo no corpo todos os vingativos instintos do padre falhado, revoltou-se, em Roma, de indignação *contra* a Renascença... Em vez de compreender com bem profunda gratidão o prodígio que acabava de suceder, o cristianismo vencido na sua *sede* —, o seu ódio apenas soube crescer perante aquele espectáculo. Um homem religioso só pensa em si próprio. — Lutero viu a *corrupção* do papado, mas era exactamente o contrário que ali estava, ao alcance da mão: a corrupção, o *peccatum originale*, o cristianismo, *já* não ocupava a cadeira papal! Mas a vida! Mas o triunfo da vida! Mas o grande sim a tudo o que é elevado, belo, temerário!... E Lutero *reconstituiu a Igreja*: atacou-a... A Renascença — um acontecimento insignificante, um grande *para nada!* — Ah estes Alemães, o que eles já nos custaram! Vã — foi sempre a *obra* dos Alemães. — A Reforma; Leibniz; Kant e a suposta filosofia alemã; as guerras da «libertação»¹²; o Império — de

¹² Termo tradicional para designar as guerras de coligação contra Napoleão I.

cada vez *algo de vão* em troca de alguma coisa que existia, de alguma coisa *irrecuperável*... São esses os *meus* inimigos, digo-o bem alto, esses Alemães: neles desprezo todos os tipos de nebulosidades do pensamento e dos valores, de *pusilanimidade* perante toda a franqueza do sim e do não. Já há quase um milénio que eles silenciam e misturam tudo o que lhes cai nas mãos, têm na consciência o peso de todas as meias-medidas — os três oitavos de medida! — de que a Europa enferma — e têm ainda o tipo mais sujo de cristianismo que possa existir, o mais incurável, o mais irrefutável, têm o peso do protestantismo na consciência... Se não se conseguir levar a melhor sobre o cristianismo, a culpa será dos *Alemães*...

62

Eis-me chegado ao fim e eis a minha sentença. *Condeno* o cristianismo, lanço contra a igreja cristã a mais terrível acusação que jamais passou pelos lábios de um acusador. Para mim ela é a maior corrupção concebível, a sua vontade de corrupção tinha como fim a última das corrupções possíveis. Nada a igreja cristã poupou à sua corrupção, de cada valor fez um não-valor, de cada verdade uma mentira, de cada rectidão uma baixeza de alma. Que se atrevam a falar-me das duas benesses «humanitárias»! *Suprimir*

qualquer angústia iria contra o seu mais profundo interesse: ela viveu de angústias, ela *inventou* angústias para se eternizar. O verme do pecado, por exemplo: foi necessária a Igreja para a humanidade se ver enriquecida com essa angústia! «A igualdade das almas perante Deus», essa aldrabice, esse pretexto para as *rancunes* * de todos os espíritos inferiores, essa ideia-explosivo, finalmente tornada revolução, ideia moderna e início de todo o declínio de toda e qualquer organização social — é o dinamite *cristão*... «Humanitárias» benesses do cristianismo! Adestrar a *humanitas* para a tornar uma auto-contradição, uma arte de se poluir, uma vontade de mentira a todo o custo, uma repulsa, um desprezo por todos os bons e rectos instintos! A isso chamaria eu as benesses do cristianismo! — O parasitismo, só e única *prática* da Igreja; com o seu ideal de anemia, o seu ideal de «santidade» bebendo, até esgotar, todo o sangue, todo o amor, toda a esperança da vida; o além como vontade de negação da realidade; a cruz como emblema para a mais subterrânea conjura que jamais existiu — contra a saúde, a beleza, a qualidade, a bravura, o espírito, a *bondade* de alma, *contra a própria vida*...

Esta eterna acusação contra o cristianismo, hei-de escrevê-la nas paredes, por todo o lado onde houver paredes — as minhas letras fazem ver até os cegos... Chamo ao cristianismo, a

grande maldição, a grande corrupção interior, o grande instinto de vingança para o qual não há meio algum que seja demasiado venenoso, clandestino, subterrâneo, demasiado *pequeno* — chamo-lhe o enxovalho imortal da humanidade...

E o tempo conta-se a partir desse *dies nefastus*, com que se instaurou esta fatalidade — do *primeiro* dia do cristianismo! *E porque não do seu último dia?* — *A contar de hoje?* — Transvalorização de todos os valores!

LEI CONTRA O CRISTIANISMO

Dada no dia da Salvação, primeiro dia do ano Um (-a 30 de Setembro de 1888, pelo falso calendário).

GUERRA DE MORTE: O VICIO O VICIO É O CRISTIANISMO

Artigo Primeiro. — É vício qualquer tipo de anti-natureza. A mais viciosa espécie de homens é o padre: ele *ensina* a anti-natureza. Contra o padre não temos razões, temos a casa de correcção.

Artigo Segundo. — Qualquer participação num officio divino é atentado contra a moral pública. Seremos mais duros para com um protestante que para com um católico, mais duros para com um protestante liberal que para com um puritano. Quanto mais próximo se está da ciência, maior é o crime de ser cristão. Por consequência, o criminoso dos criminosos é o *filósofo*.

Artigo Terceiro. — O lugar de maldição onde o cristianismo chocou os seus ovos de basilisco, será completamente arrasado, e sendo sobre a terra o local *sacrílego*, constituirá motivo de pavor para a posteridade. Aí serão criadas serpentes venenosas.

Artigo Quarto. — A pregação da castidade é uma pública excitação para o anti-natural. Desprezar a vida sexual, enxovalhá-la com a noção de «impuro», eis o verdadeiro pecado contra o espírito santo da vida.

Artigo Quinto. — Comer a Uma mesa com um padre, expulsa; fazendo-o, excomungamo-nos da sociedade proba. O padre é a *nossa Tchandala*, — será metido na prisão, privado de alimentos, expulso para uma espécie de deserto.

Artigo Sexto. — Dar-se-á à história «santa» o nome que merece, pois é a história *maldita*; utilizar-se-ão as palavras «Deus», «Salvador», «Redentor», «Santo», para injuriar, para com elas marcar os criminosos.

Artigo Sétimo. — O resto nasce daqui.

*Nietzsche — Anticristo*¹³

O Anticristo

¹³ Riscado por Nietzsche.

O MARTELO FALA
ZARATUSTRA 3,90

Tu, ó meu Querer, milagre para toda a angústia, tu minha necessidade. Livra-me da pequena vitória!

Tu, caminho da minha alma, a que chamo destino! Tu em mim! Guarda-me e reserva-me para Um grande destino!

E a tua última grandeza, meu Querer, reserva-a para ser a derradeira, — possas tu ser inexorável na vitória. Ah! quem não sucumbiu na vitória!

Ah! quem há cujo olhar se não tenha enovado neste crepúsculo ébrio! Ah! quem, cujo pé não tenha tropeçado; quem, que não tenha desaprendido no momento da vitória — a estar de pé!

— Que um dia eu esteja pronto e amadurecido no *grande Meio-dia*, pronto e amadurecido ao bronze ardente, à nuvem prenhe de raios, à teta regorgitante de leite:

— pronto e amadurecido para mim próprio e para o meu Querer mais secreto, um arco no

ardor da sua flecha, uma flecha no ardor do seu astro:

— um astro pronto e amadurecido no seu Meio-dia, incandescente, trespasado, na delícia das flechas aniquiladoras do sol: — ele próprio sol e inexorável vontade-sol, pronta para, triunfante, aniquilar!

Ó Querer, desvio de toda a angústia, tu, *minha* necessidade! Preserva-me uma grande vitória!

ANTICRISTO

Autor: Frederich Nietzsche

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Caetano Borges Wambembe



Todos os direitos desta obra reservados a

FREDERICH NIETZCHE

Este E-book esta protegido por
leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra esta sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

é exclusivamente do Autor.

Este livro acabou de se imprimir
em 18 de Janeiro de 1973
na Tipografia Beira Douro, Lda.
para a
Editorial Presença, Lda.—Lisboa

A obra de Nietzsche tem a marca da imparidade dentro da nossa cultura. Dela tem-se dito quase tudo e em todos os tons e, não obstante, vemo-la esgueirar-se incansavelmente a esse cerco de classificações e apresentar-se diante de nós com um inexaurível sabor de novidade. Pensamento assistemático, aforístico, filosófico-poético ou poético-filosófico, o que quisermos, mas sobretudo um pensamento que deixa sempre uma raiz algures em todas as conjecturas — as mais válidas — do nosso século. Serve-nos de testemunho eloquente este *Anti-Cristo*, onde simultaneamente se escondem e entremostram as cintilações e os abismos de Nietzsche. A veemência, a diatribe, o ataque directo estão aí à superfície do olhar; mas é pouco contentarmo-nos com essas primeiras impressões de leitura. Seria um Nietzsche demasiado fácil, tão fácil que equivaleria a sepultá-lo ao lado de toda uma polémica que viveu anos a expensas do cristianismo. Não há, pois, literalidade nenhuma nas sentenças que compõem este livro. Neste sentido, podemos arriscar que o *Anti-Cristo* que se vai ler é, apesar do estrondo das suas frases, menos anti-Cristo que muitas obras apologéticas.